



Brasil Presbiteriano

O Jornal Brasil Presbiteriano é órgão oficial
da Igreja Presbiteriana do Brasil
Ano 67 nº 856 - março de 2026

Evangelho avançando no interior gaúcho



Em Palmeira das Missões e Santiago, a Igreja Presbiteriana do Brasil celebra novos campos, frutos missionários e o crescimento da obra reformada no Rio Grande do Sul. **Pág. 5**

Aplausos para ela: a mulher que teme ao Senhor

No Dia Internacional da Mulher, o Rev. Hernandes Dias Lopes reflete sobre a mulher virtuosa de Provérbios 31 — elogiada pelos filhos, honrada pelo marido, reconhecida por suas obras e, sobretudo por seu temor ao Senhor. **Pág. 3**

Casa Editora Presbiteriana: 78 anos a serviço da reforma da Igreja no Brasil



Da histórica decisão do Supremo Concílio da IPB, em 1946, ao reconhecimento nacional da Editora Cultura Cristã, a trajetória da Casa Editora Presbiteriana revela o compromisso contínuo com a teologia reformada, a produção de literatura bíblica de excelência e a edificação da igreja brasileira por meio da Palavra escrita. **Pág. 2**

Em busca das raízes presbiterianas nos EUA

De Albany a Princeton, passando pela Universidade de Yale e pelo Seminário de Princeton, o Rev. Alderi Souza de Matos percorre locais marcantes da história presbiteriana, revisita personagens ligados ao Mackenzie e à IPB e resgata memórias que ajudam a compreender as origens e influências do presbiterianismo brasileiro. **Pág. 10**



Música que nasce da Palavra

No Pocket IPB, Saulo Azevedo une profundidade bíblica e tradição reformada em canções inspiradas no Apocalipse, reafirmando o compromisso da música com a edificação da Igreja. **Pág. 6**

Mackenzie é referência em catarata congênita



O Hospital Universitário Evangélico Mackenzie foi reconhecido pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia como Centro de Referência no tratamento da catarata congênita, reforçando a excelência da instituição na oftalmologia pediátrica. **Pág. 13**

O que é, afinal, Educação Cristã?

A partir das reflexões de Karen B. Tye em *Diretrizes para o ensino na igreja local*, o artigo propõe uma revisão honesta dos pressupostos das igrejas sobre educação cristã — integrando instrução, comunhão, formação pessoal e compromisso transformador, para além dos limites da sala de aula. **Pág. 7**

Editorial especial

Há 78 anos contribuindo para a reforma da igreja no Brasil por meio da literatura

Recordando a história da Casa Editora Presbiteriana

Em 2 de janeiro de 1.946, o Presbitério de Bauru, reunido na Igreja de Pederneiras, São Paulo, aprovou proposta do Rev. Boanerges Ribeiro, pastor da IP de Marília, SP, a ser encaminhada ao Supremo Concílio da IPB para a criação de uma Editora que atendesse as necessidades da Igreja.

Em 20 de junho do mesmo ano o Supremo Concílio, reunido na IP de Copacabana, RJ, acolheu o pedido e nomeou Comissão para tomar as medidas necessárias e viabilizar essa grande empreitada.

No dia 25 de fevereiro de 1.948, às 14 horas, na sala do Conselho da IP Unida de São Paulo, situada na Rua Helvétia, 772 em São Paulo, reuniu-se a Assembleia Geral de Constituição da Casa Publicadora Presbiteriana, nomeada pelo SC/IPB. Presidiu a reunião o Rev. Boanerges Ribeiro e foi secretário o Presb. Armando Azevedo.

Compareceram representantes de diversos Presbitérios, Igrejas e Missões, irmãos Revs. Renato Fiuza Teles, José Borges dos Santos Júnior, Adolpho Anders, Américo J. Ribeiro, Boanerges Ribeiro; e Presbs. Armando Azevedo e João Lupion. Foi aprovado o Estatuto, que seria remetido a CE/IPB para aprovação e posterior registro em Cartório.

O Estatuto determinava uma diretoria com sete membros, podendo ser eleitos pastores, presbíteros e diáconos. A primeira Diretoria, eleita para um mandato até o ano de 1.951, ficou assim constituída:

Diretor Presidente – Boanerges Ribeiro

Vice Presidente – Harry Midkiff

Secretário – Renato Fiuza Teles

Diretores Assistentes – Eduardo Lane, Sylas Ferraz Sampaio, Joel de Oliveira Lima e Armando Azevedo.

A Diretoria foi empossada em cerimônia no templo da IP Unida de São Paulo,

pelo Presidente do SC/IPB, Rev. Natanael Cortez, realizada no dia quatro de abril de 1.948.

A CE-SC/IPB, reunida no Rio de Janeiro, de 7 a 12 de fevereiro de 1.949, decidiu alterar o nome da Editora, para Casa Editora Presbiteriana. Em anos recentes, a CEP adotou o nome fantasia *Editora Cultura Cristã*, com o qual penetrou e tem sido bem aceita no mercado evangélico, apresentando a literatura e a teologia reformada a diferentes denominações.



Rev. Miguel Torres, do primeiro grupo de pastores presbiterianos brasileiros



Rev. Júlio Andrade Ferreira, historiador da IPB falecido em 2001

A Vida de Miguel Torres, do Rev. Júlio Andrade Ferreira, foi o primeiro livro publicado pela CEP. Seguiram: *O Sistema Presbiteriano*, *A Ciência Moderna e as Escrituras Sagradas* e *O Breve Catecismo de Westminster*.

Em maio de 1974 o Rev. Atael Fernando Costa foi escolhido Superintendente Geral. Assumiram a Diretoria nos anos seguintes, até os dias atuais, Rev. Marcelino Pires de Carvalho, Presb. Antônio Ribeiro Soares, Presb. Joaquim da Cruz Filho, Rev. Addy Félix de Carvalho, Presb. Emiliano Ferreira da Cunha, Presb. Haveraldo Ferreira Vargas, Presb. Clodoaldo Waldemar Furlan e Presb. José Inácio Ramos, este o Diretor Super-

intendente atual.

Com o Presb. Antônio Soares, o Rev. Sabatini Lalli assumiu a função então criada de Editor, e foi responsável pela publicação, entre outras obras, da primeira edição das *Institutas* de João Calvino em português, uma tradução acadêmica do erudito Rev. Waldyr Carvalho Luz, feita a partir da edição definitiva em latim lançada por Calvino de 1559. Sabatini Lalli foi substituído pelo Rev. Valter Graciano Martins, que permaneceu na função até 1994. Desde então, é Editor o Rev. Cláudio Marra.

A partir de 1994, a Editora passou a ser conduzida estatutariamente por um Conselho Deliberativo e, representando a IPB, pelo Conselho de Educação Cristã e Publicações (CECEP), atualmente presidido pelo Rev. Domingos da Silva Dias. O CECEP é o responsável por designar os membros do Conselho Editorial e do Conselho do *Brasil Presbiteriano*, ambos presididos pelo Editor.

Nessas últimas décadas, centenas de títulos foram publicados, começando com a *Bíblia de Estudo de Genebra* e diversas obras de porte, para o crente comum e para estudiosos, pastores e acadêmicos. Com o perfil reformado da Cultura Cristã, diferentes denominações e tendências teológicas foram influenciadas.

A Cultura Cristã, amplamente reconhecida por esse notável e diversificado catálogo, caminha com muita energia adicionando a essa característica o entrosamento nos tempos atuais, sua linguagem e recursos, sempre engajada no desafio de contribuir para a reforma da igreja no Brasil por meio da literatura.

Fazemos isso há 78 anos. Pela graça e poder de Deus continuaremos a fazê-lo.

Brasil Presbiteriano

Ano 67, nº 856
Março de 2026

Rua Miguel Teles Júnior, 394
Cambuci, São Paulo – SP
CEP: 01540-040
Telefone:
(11) 97133-5653
E-mail: bp@ipb.org.br
assinatura@cep.org.br

Órgão Oficial da



IGREJA
PRESBITERIANA
DO BRASIL

www.ipb.org.br

Uma publicação do Conselho
de Educação Cristã e
Publicações

Conselho de Educação Cristã e Publicações (CECEP)

Domingos da Silva Dias
(Presidente)

Misael Batista do Nascimento
(Vice-presidente)

Rodrigo Silveira de Almeida Leitão
(Secretário)

Anízio Alves Borges

Hermisten Maia Pereira da Costa

Jaeder Rodrigues

João Jaime Nunes Ferreira

Mário Sérgio Batista

Conselho Editorial do BP

Cláudio Marra (Presidente)

Anízio Alves Borges

Antônio Cabrera

Ciro Aimbiré Moraes Santos

Hermisten Maia Pereira da Costa

Jailto Lima do Nascimento

Natsan Pinheiro Matias

EDITORIA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci

01540-040 – São Paulo – SP – Brasil

Fone (11) 3207-7215

www.editoraculturacrista.com.br

cep@cep.org.br

Diretor Superintendente

José Inácio Ramos

Editor

Cláudio Antônio Batista Marra

Editores Assistentes

Eduardo Assis Gonçalves

Márcia Barbutti Barreto

Timóteo Klein Cardoso

Produtora

Mariana dos Anjos Esteves

Edição e textos

Gabriela Cesario

E-mail: bp@ipb.org.br

Revisão

Gabriela Cesario

Diagramação

Aristides Neto

AVISO AOS LEITORES

As notícias do **Brasil Presbiteriano** devem ser enviadas **exclusivamente para o e-mail bp@ipb.org.br** até o **dia 20 de cada mês**. Envios feitos até essa data entram na **edição seguinte**; após o dia 20, seguem para **edições posteriores**. As edições mensais estão disponíveis **eletronicamente todo dia 1º no blog da Editora Cultura Cristã e nos canais oficiais da IPB**.

Gotas de esperança

Aplausos para ela

Dia Internacional da Mulher

“Levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa; seu marido a louva, dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas [...]. A mulher que teme ao Senhor, essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e de público a louvarão as suas obras” (Pv 31.28-31).



Hernandes Dias Lopes

A mulher virtuosa é mais valorosa do que as mais refinadas riquezas da terra. Ela sabe lidar com perícia invulgar com seu marido, com seus filhos, com ela mesma, com o seu próximo, com sua casa e com os seus negócios. Ela tem um relacionamento exemplar com Deus e com os homens. Por isso, ela é aplaudida e elogiada. Vejamos:

1. Em primeiro lugar, *ela é elogiada pelos filhos* (Pv 31.28).

Por ser uma mulher sábia, investiu na vida dos filhos, sendo uma mestra do bem e uma exímia conselheira. Não privilegiou um filho em detrimento dos outros. Amou-os de forma igual e criou-os com os mesmos valores, princípios, direitos

e responsabilidades. Agora, ela colhe os frutos de sua sementeira. Seus filhos vêm nela uma mulher bem-sucedida e muito feliz. Ela não deixou apenas uma herança para os filhos, mas, também, um legado. Herança é o que você deixa *para* os filhos. Legado é que você deixa *neles*. Essa mulher é aplaudida por todos os seus filhos.

2. Em segundo lugar, *ela é elogiada pelo marido* (Pv 31:28b,29).

Porque essa mulher era uma aliviadora de tensões e um bálsamo na vida do marido, agora, ele se levanta para aplaudi-la. Por ser um homem sábio, com refinado discernimento, consegue ver virtudes excelentes em outras mulheres, mas não se priva do privilégio de enaltecer sua mulher acima das demais, afirmando: “Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas”. O elogio que ele faz é eloquente e direto. Não reconhece as virtudes de sua mulher apenas para si mesmo ou para os amigos. Sua voz alcança os ouvidos de sua mulher e seu gesto de nobreza tange o cora-

ção dela. O elogio sincero é um tônico para alma, um calibrador das emoções, um estimulante do romantismo e um emblema do verdadeiro amor.

3. Em terceiro lugar, *ela é elogiada pelo próprio Deus* (Pv 31.30).

O registro bíblico é eloquente: “Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada”. Os elogios que essa mulher recebe não procedem dos homens, mas de Deus; não emanam da terra, mas do céu. Ela não é elogiada por sua beleza física, essa desidrata com o tempo; não é enaltecida pela sua destreza comercial, os bens que granjeou não podem ser levados para a eternidade; não é reconhecida pelos seus grandes feitos comerciais ou pela sua atenção dentro e fora do lar. Ela é aplaudida pelo seu temor ao Senhor. A verticalidade de sua vida é que deu sustentação para a horizontalidade de seu testemunho. Seu relacionamento com Deus é que pavimentou seus relacionamentos interpessoais. O temor do Senhor é o princípio da sabedoria. É o grande freio

moral que nos protege dos laços que nos cercam e do pecado que tenazmente nos assedia.

4. Em quarto lugar, *ela é elogiada pelas suas obras* (Pv 31.31).

Está escrito: “Dai-lhe do fruto das suas mãos, e de público a louvarão as suas obras”. Essa mulher fez bem e não mal a seu marido, todos os dias de sua vida. Ela fez bem a seus filhos, ao falar com sabedoria e ao ter a instrução da bondade em sua língua. Ela fez bem à sua própria alma, vestindo-se de força e dignidade. Ela fez bem ao próximo, abrindo a mão ao aflito e estendendo-a ao necessitado. Agora, o que suas mãos distribuíram com generosidade, ela recebe com abundância. O que ele fez longe dos holofotes, ela recebe publicamente.

A mulher virtuosa é aplaudida por Deus e pelos homens; no céu e na terra. Juntamos nossa voz às demais, proclamando: Parabéns, mulher virtuosa! Nós também a aplaudimos!

O Rev. **Hernandes Dias Lopes** é o Diretor Executivo de Luz para o Caminho, membro do Conselho Deliberativo da APECOM e colunista do *Brasil Presbiteriano*.

LIVRO DO DIA
2026
Biblioteca Reformada

Mais que uma promoção, um movimento formativo

CLIQUE E APROVEITE!

C
CULTURA
CRISTÁ

Pastoreio

Quando a crítica bater à porta



Valdeci Santos

Ninguém gosta de ser criticado, especialmente na igreja. Independentemente da maturidade espiritual, da experiência de vida ou da posição de liderança, a crítica sempre desagrada. Quando somos confrontados, algo profundo emerge do coração. Alguns reagem com autossatisfação: “Eu sei o que estou fazendo”. Outros se apressam na auto-defesa, mobilizando argumentos e justificativas antes mesmo de ouvir atentamente. Nossa reação à crítica geralmente expressa uma autoexaltação disfarçada, quando nos defendemos como vítimas ou mártires.

Mais devastadora é a “crítica injusta”, pois seu peso pode ser esmagador e vai muito além de um simples aborrecimento, agindo como uma forma de agressão psicológica que pode afetar a saúde mental e o desempenho da pessoa. Estudos alertam para o fato de esse tipo de crítica abalar a autoestima, resultar em sentimentos de injustiça e raiva, provocar ansiedade e estresse, bem como desânimo e desistência do trabalho. Se isso é verdadeiro no campo profissional, no trabalho da igreja também não é diferente. A crítica injusta nos desconforta, nos expõe e, muitas vezes, nos fere.

O fato é que, injusta ou não, a crítica sempre vem. O que

precisa ser analisado é: o que ela revela sobre quem a faz? E também: o que a crítica revela sobre nós?

Antes de refletirmos sobre isso, é necessário compreender que críticas podem ser classificadas naquilo que a Bíblia denomina “espírito faccioso”. Quando somos criticados, tanto o crítico quanto nós mesmos facilmente operamos no modo “meu melhor contra o seu pior”. O crítico geralmente é motivado por uma sensação de superioridade e nós, na maioria das vezes, idealizamos nossas virtudes e ampliamos as falhas do outro. Assim, sem perceber, todos nós, como membros do corpo de Cristo, perdemos a oportunidade de crescer nesse processo.

A crítica revela algo sobre quem a faz e, na maioria das vezes, o que é revelado é o desejo por projeção ou a busca por controle. A crítica injusta reflete mais sobre as carências, dores e frustrações de quem critica do que sobre a pessoa que a recebe. O sentimento é: “eu sou melhor do que você” ou “estou em um estágio superior”. Aquele que critica constantemente revela sua necessidade de diminuir o outro para se sentir superior, buscando o controle — não apenas da situação, mas da pessoa criticada. Talvez por isso Paulo afirmava: “a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por tribunal humano” (1Co 4.3). O apóstolo não queria ser manipulado ou controlado por aqueles que o criticavam por motivos escusos.

Ao mesmo tempo, a crítica revela muito sobre nós. Nesse sentido, ela pode ser uma bênção e não uma maldição. Provérbios declara que o sábio ama

a repreensão. As “feridas” de um amigo fiel são instrumento de cura (Pv 27.6). A crítica, mesmo quando imperfeita, costuma conter algum elemento de verdade. E, ainda quando for injusta, ela prova o nosso coração na maneira como reagimos, revelando nossa maturidade ou ima-



A crítica injusta reflete mais sobre as carências, dores e frustrações de quem critica do que sobre a pessoa que a recebe”.

turidade — humildade ou orgulho, mansidão ou agressividade.

Segundo Powlison, diante de uma crítica, três possibilidades existem: ela é equivocada; ela é parcialmente correta; ou ela é profundamente necessária. Em qualquer caso, Deus pode usar a situação para nossa santificação. Assim, a pergunta central não é apenas sobre aquele que faz a crítica, mas sobre quem a recebe. Talvez a pergunta mais profunda não seja “o crítico está certo?”, mas sim “o que Deus quer realizar em mim por meio dessa crítica?” Jesus ensinou que amar os inimigos é o teste decisivo do discipulado. Como falamos sobre aqueles que nos confrontam? Buscamos vindicação pessoal ou a glória de Deus? Defendemos nosso grupo ou edificamos o corpo de Cristo?

A crítica pode ser um remédio amargo, mas saudável. Pode nos conduzir ao arrependimento, purificar nossas motivações

e fortalecer convicções que, examinadas à luz das Escrituras, permanecem firmes. Pode também revelar atitudes que precisam ser transformadas. Por essa razão, Paulo afirmava que nem ele mesmo se julgava, pois nossa opinião sobre nós mesmos sempre será tendenciosa e favorável (1Co 4.3).

Ao recebermos uma crítica, o teste ao qual estamos sendo submetidos é este: somos ensináveis? Somos humildes? Somos pastores e líderes que ouvem? Somos membros que aceitam correção? Que o Senhor nos conceda a graça de sermos pessoas que amam a verdade, praticam a humildade e crescem por meio das exortações mútuas. Se a “carapuça não servir”, o melhor não é jogá-la fora, mas ajustá-la à nossa vestimenta diária e caminhar em santidade. Paulo se submetia ao julgamento que vinha do Senhor (1Co 4.4), pois somente Deus possui a análise perfeita sobre nós.

A vida e o ministério de um líder da igreja não são protegidos pela ausência de críticas, mas pela presença da graça. Uma liderança madura não é aquela que nunca é questionada, mas aquela que sabe ouvir, discernir e responder com verdade e amor. Quando a crítica bater à porta, receba-a não com medo ou hostilidade, mas com discernimento e humildade. Talvez o Senhor esteja usando essa voz — mesmo imperfeita — para conduzi-lo a uma obediência mais profunda. No processo de santificação, Deus utiliza muitos instrumentos. E, às vezes, um deles é o crítico.

Missões Nacionais

Semeando o evangelho no interior gaúcho

A expansão missionária presbiteriana em Palmeira das Missões e Santiago, RS

Felipe Corrêa Machado

Senhor tem aberto portas para a expansão do evangelho no interior do Rio Grande do Sul, fortalecendo o testemunho da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) em cidades estratégicas do estado. Os trabalhos missionários em Palmeira das Missões e Santiago revelam nosso compromisso com a proclamação fiel das Escrituras, a centralidade de Cristo e o avanço do Reino de Deus.

UM NOVO CAMPO EM PALMEIRA DAS MISSÕES

Desde o dia 9 de dezembro de 2025, teve início um novo trabalho presbiteriano na cidade de Palmeira das Missões, RS, município com aproximadamente 33 mil habitantes que, até então, não contava com presença de uma igreja de confissão reformada. A iniciativa nasceu do desejo de irmãos da própria cidade, sensíveis à necessidade de uma igreja firmada na fidelidade bíblica e nas Doutrinas da Graça.

A partir de 14 de fevereiro de 2026, o grupo passou a se reunir regularmente para culto, dando os primeiros passos na organização do trabalho. A obra tem contado com o apoio pastoral do evangelista Rodrigo Boelhouwer, da IP de Cruz Alta, além da supervisão e cobertura eclesial da IP de Santa Maria, que atua como igreja-mãe.

Mesmo em seus primeiros meses, o trabalho em Palmeira das Missões já se mostra promissor em um campo desafiador, marcado por forte identidade cultural e religiosa. A plantação tem



O templo da Congregação de Santiago



Congregação de Santiago

buscado firmar-se em princípios essenciais: fidelidade às Escrituras por meio da pregação expositiva, formação de comunidade com discipulado relacional e uma clara visão missionária, visando, no tempo de Deus, a organização de uma congregação saudável.

TRÊS ANOS DE SEMEADURA EM SANTIAGO

Enquanto um novo campo se inicia, outro celebra frutos amadurecidos. Em janeiro de 2026, a Congregação Presbiteriana de Santiago, comemorou três anos de existência, evidencian-

do o crescimento do evangelho na chamada “Terra dos Poetas”, cidade com aproximadamente 50 mil habitantes e importante polo educacional e militar da região.

O trabalho missionário é desenvolvido com apoio da Junta de Missões Nacionais (JMN), com a atuação dedicada dos missionários Juanildo de Melo Bezerra e sua esposa, Fabiana, e conta também com o suporte da IP de Santa Maria, que exerce papel fundamental como igreja parceira, oferecendo apoio pastoral e financeiro.

A estratégia missionária em



O trabalho missionário em Palmeira das Missões

Santiago tem se baseado no relacionamento discipulador, comunicando as Doutrinas da Graça de modo pessoal e contextualizado. Ao longo desses 36 meses, o trabalho tem se destacado pela fidelidade as Escrituras, integração com a comunidade local e visão de futuro, com o objetivo de organizar uma igreja autossustentável e missionária, capaz de alcançar novas cidades do interior gaúcho.

GRATIDÃO E ESPERANÇA

Tanto em Palmeira das Missões quanto em Santiago, a IPB testemunha que cada passo dado é fruto exclusivo da graça de Deus. Em campos distintos, mas unidos pela mesma fé, a igreja segue avançando em unidade, oração perseverante e proclamação fiel da Palavra.

Com gratidão, ecoam as palavras das Escrituras: “Ebenézer [...] Até aqui nos ajudou o Senhor” (1Sm 7.12). “Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54.2).

Ao Senhor, toda a glória.

O Presb. Felipe Corrêa Machado é vice-presidente do Conselho da IP de Santa Maria e Presidente da UPH (IPSM)

Culto cristão

O canto que une coração e mente

Anuacy Fontes

Como numa composição santa, o culto cristão se constrói em melodia, compasso e harmonia. A melodia da adoração brota do coração rendido; o compasso da fé mantém a Igreja firme na verdade revelada; e a harmonia do culto nasce quando espírito e entendimento caminham juntos diante de Deus. Não há verdadeira música litúrgica sem esse encontro entre o que se sente e o que se crê, entre o fervor da alma e a clareza da doutrina. É nessa convergência que o louvor se torna linguagem da fé e testemunho vivo da presença de Deus no meio do seu povo.

A experiência de Moisés junto à sarça ardente (Êx 3.2), ilustra essa mesma realidade espiritual. O fogo que ardia sem consumir a sarça não apenas aqueceu o ambiente do encontro, mas despertou no coração de Moisés uma percepção viva da presença de Deus e, simultaneamente, o conduziu à compreensão da mensagem divina que ali lhe era revelada. O calor que aquece o coração do adorador nasce justamente dessa união entre a percepção da presença de Deus e o entendimento de sua Palavra; não é emoção sem conteúdo, nem conhecimento sem vida, mas encontro santo que transforma a alma e ilumina o caminho.

“Nesse sentido, vemos a conexão entre luz e fogo, e uma das mais importantes ações do Espírito Santo de Deus é iluminar a verdade de Deus, colocar nela um holofote para nosso entendimento. O fogo não somente simboliza a presença celestial, a fonte de verdade e luz, mas também simboliza (em linguagem bíblica), ardor, calor e afeição.”¹

“É importante reconhecer que a música, por exemplo, comunica conteúdo e emoções de formas variadas.”²

Esse princípio é apresentado por Paulo: “Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente” (1Co 14.15). Paulo estabelece o alicerce da espiritualidade cristã madura, mostrando que a verdadeira adoração não pode ser reduzida nem a um movimento apenas emocional, nem a um exercício puramente intelectual. O louvor cristão é, por essência, a união viva entre intimidade espiritual e consciência teológica.

Quando declara que ora e canta “com o espírito”, o apóstolo utiliza o termo grego *pneuma*, que se refere à dimensão interior do ser humano, ao centro da vida espiritual, da sensibilidade, da devoção e da comunhão com Deus. O louvor nasce nesse lugar secreto da alma, onde o coração se rende, a fé se aquece e a presença de Deus é experimen-

tada de modo real e transformador. Contudo, Paulo acrescenta que essa mesma oração e esse mesmo canto devem acontecer também “com a mente”, empregando o termo *nous*, que designa o entendimento, a consciência racional, a capacidade de discernir e organizar a verdade revelada. Com isso, o apóstolo rejeita qualquer espiritualidade que dispense a razão ou despreze a doutrina, ensinando que a adoração cristã é inseparável do conhecimento de Deus.

O verbo *psallo*, traduzido por “cantar”, reforça ainda mais essa compreensão. Ele não descreve apenas a emissão de sons, mas o louvor que comunica conteúdo. O canto cristão, portanto, não é mero ornamento do culto, mas instrumento teológico, pedagógico e espiritual. Cada cântico expressa aquilo que a Igreja crê, confessa e ensina sobre Deus, sobre a obra de Cristo, sobre o pecado, a redenção, a esperança e a vida eterna.

O canto congregacional torna-se expressão profunda de intimidade do ser humano com Deus e, ao mesmo tempo, testemunho público da fé da comunidade. Ele une afetos santos e doutrina sólida, aquecendo o coração sem apagar a luz do entendimento e iluminando a mente sem esfriar a devoção. O louvor que ignora a teologia empobrece a fé; a teologia que não se traduz em louvor resseca a espiritualidade.

O equilíbrio proposto por Paulo preserva ambos: o fogo do coração e a clareza da verdade.

Quando a Igreja se reúne e eleva sua voz em cântico, ela não apenas se expressa diante de Deus, mas também se edifica, se instrui e se fortalece na fé. O canto molda a visão que o povo de Deus possui acerca do próprio Deus, estrutura sua compreensão do evangelho e preserva, na memória coletiva, as grandes verdades da fé cristã. Por isso, o louvor precisa ser espiritualmente fervoroso, teologicamente consistente e doutrinariamente responsável.

Assim, 1Coríntios 14.15 permanece como um farol para a adoração da Igreja em todas as épocas. Ele nos ensina que o verdadeiro louvor nasce no íntimo, mas é governado pela verdade; brota do espírito, mas é sustentado pelo entendimento. Quando espírito e mente caminham juntos, o canto da Igreja se torna confissão viva da fé, instrumento de edificação do povo de Deus e expressão madura da teologia que a Igreja crê, vive e proclama diante do Senhor.

¹ RC Sproul, *Estudos Bíblicos Expositivos em Atos*, trad. Rubens Thomaz de Aquino, 1ª edição (São Paulo: Cultura Cristã, 2017), 34.

² John M. Frame, *A Doutrina da Vida Cristã*, trad. Jonathan Hack, Uma Teologia do Senhorio (São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2013), 862-863.

Rev. Anuacy Fontes é Presidente do Conselho de Música da IPB e Pastor na IP do Calhau, São Luís, MA.

RODRIGO LEITÃO

DEVOTOONS

DEVOCIONAIS PARA PAIS E FILHOS

Ensine a Palavra de Deus aos seus filhos com profundidade



COMPRE AQUI

Dia da Educação Cristã

O que é Educação Cristã

Antes de fazer, é preciso saber o que se está fazendo — e por quê

Karen Tye abre o capítulo 1 do seu livro *Diretrizes para o ensino na igreja local*, da Cultura Cristã, com uma cena recorrente: ao pedir a alunos de seminário ou membros de comitês de educação cristã que definam o que é educação cristã, a resposta quase sempre é silêncio ou confusão. A maioria pressupõe que sabe o que o termo significa — e descobre que nunca pensou seriamente a respeito. Para Tye, a clareza sobre esse tema não é opcional: ela determina o que a igreja faz, por que faz e como faz no campo do ministério educacional.

A autora não propõe uma definição única e universal — isso seria ingênuo diante da complexidade da empreitada. Seu objetivo é provocar nas congregações uma conversa aberta e honesta sobre seus pressupostos implí-

bitos. A partir de listas geradas com alunos e líderes ao longo dos anos, Tye identifica quatro grandes maneiras de compreender a educação cristã:

1. Instrução religiosa — foco na transmissão deliberada de conhecimento, crenças e práticas da fé por meio de ensino formal e estruturado, como a escola dominical e o estudo bíblico.

2. Socialização — ênfase em como as pessoas se tornam parte de uma comunidade de fé, assumindo sua identidade cristã por meio da participação nos cultos, rituais e convivência com outros membros.

3. Desenvolvimento pessoal — educação como processo de crescimento individual por estágios de fé, com recursos curriculares organizados por faixa etária e atenção à jornada espiritual de cada pessoa.

4. Libertação — educação como atividade de transformação da consciência, capaz de levar cristãos a agir sobre as estruturas de opressão por meio de missões, serviço comunitário e reflexão crítica.

Tye argumenta que nenhuma dessas abordagens existe em estado puro nas congregações — e que a dificuldade surge quando uma igreja adota apenas uma delas como referência exclusiva, empobrecendo o ministério. Ela defende uma definição ampla, capaz de integrar as quatro perspectivas: aprender a história cristã, desenvolver habilidades de expressão da fé, refletir criticamente sobre ela e cultivar sensibilidades para viver em comunidade.

A autora acrescenta duas exigências fundamentais: que a educação cristã seja deliberada (*pensada com cuidado*) e intencional (*planejada*

para acontecer). Vagar de programa em programa sem clareza sobre objetivos é, para ela, infidelidade ao mandato de ir e ensinar.

Por fim, Tye questiona a identificação automática entre educação e escola. Apoiada em Maria Harris e no texto de Deuteronômio 6, ela lembra que a instrução acontece em casa, no caminho, na cozinha, no santuário — em todo lugar onde a vida é vivida. Reduzir a educação cristã ao modelo escolar é limitar o que ela pode e deve ser.

Para ampliar sua reflexão sobre o tema, recomendo a leitura do livro todo, bem como de *Educação em casa, na igreja, na escola*, de Filipe Fontes; *Deus nosso Mestre* e *Temas fundamentais da educação cristã* de Robert Pazmiño, todos da Cultura Cristã.

E

DEUS, GANÂNCIA, E O EVANGELHO
(DA PROSPERIDADE) DE COSTI W. HINN

A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE CONTINUA. ESTE LIVRO AINDA É MUITO NECESSÁRIO.

compre aqui

Ética cristã

Por que desenvolver uma bioética reformada pró-vida

Ramon de Sousa Oliveira

O debate sobre o aborto tem avançado no Brasil de forma acelerada, levantando perguntas éticas profundas que desafiam a igreja a oferecer respostas claras, bíblicas e publicamente responsáveis. Esse movimento não se limita ao campo jurídico ou político, mas alcança também o meio evangélico, no qual cresce a pressão por posicionamentos moldados mais por categorias culturais contemporâneas do que pela revelação bíblica. Diante desse cenário, este artigo não tem a pretensão de apresentar um estudo definitivo sobre bioética, mas de oferecer um esboço inicial, apontando como o Pentateuco fornece fundamentos teológicos e éticos suficientes para o desenvolvimento de uma bioética reformada coerente, explicitamente pró-vida. Em um contexto no qual há pouca produção sistematizada sobre o tema em nosso meio, o objetivo aqui é provocar a reflexão e estimular a igreja reformada brasileira a avançar nessa direção.

O Pentateuco apresenta a vida humana como realidade sagrada, inseparável do caráter do próprio Deus. O ser humano é criado à imagem e semelhança

do Criador, recebendo dignidade que não depende de função social, autonomia ou estágio de desenvolvimento (Gn 1.26-28). A ordem para frutificar e multiplicar-se insere a geração da vida no coração do propósito divino para a humanidade (Gn 1.28). Mesmo após a Queda, esse valor não é relativizado, mas reafirmado no pacto noético, no qual Deus estabelece limites rigorosos contra o derramamento de sangue humano justamente porque o homem continua sendo portador de sua imagem (Gn 9.1-7). Assim, o Pentateuco molda uma visão na qual a vida pertence a Deus e, por isso, deve ser protegida.

Essa teologia da vida é concretizada na Lei, que funcionava, entre outras coisas, como a legislação que organizava a vida moral, social e jurídica de Israel. O mandamento “*Não matarás*” estabelece um princípio amplo de proteção da vida, que é desenvolvido em estatutos específicos nos quais a justiça divina se volta de modo especial à preservação dos vulneráveis (Êx 20.13; Dt 5.17; Êx 21.12-14, 22-25; Lv 19.16; Nm 35.9-34; Dt 19.1-13; 22.8; 24.6; 27.19; 30.19). A legislação não trata apenas do homicídio intencional, mas também da negligência, da violência indireta e da responsabilidade comunitária pela vida do

próximo. Nesse contexto, textos como Êxodo 21.22-25 demonstram que a vida no ventre não está fora do horizonte ético da Lei, mas inserida em uma estrutura jurídica que reconhece o valor real da vida humana antes do nascimento.

Além disso, a Lei conduz Israel a compreender que a proteção da vida é um dever coletivo, não restrito a juízes ou autoridades. O povo da aliança é chamado a defender o fraco, o pobre, o indefeso e aquele que não pode se proteger sozinho, sob pena de profanar o nome do Senhor (Êx 23.6-9; Lv 19.14; Dt 10.18-19; 24.17-22). Essa lógica é particularmente relevante para o debate contemporâneo sobre o aborto, uma vez que o nascituro representa a forma mais evidente de vulnerabilidade humana. Ignorar essa realidade não é apenas uma falha ética, mas uma ruptura com a própria lógica da Lei como expressão do cuidado de Deus pela vida.

A tradição reformada sempre afirmou que a Lei, embora não seja meio de justificação, continua sendo revelação do caráter santo e justo de Deus e parâmetro moral para a vida cristã. Por isso, uma bioética reformada não pode ser construída a partir de critérios utilitaristas ou pragmáticos, mas

deve nascer da escuta atenta da revelação bíblica, especialmente da Lei que moldou a consciência ética do povo de Deus. O problema é que, no contexto brasileiro, essa reflexão ainda é incipiente. Há pouca produção que trate de forma sistemática e exegética das implicações bioéticas da legislação bíblica, deixando uma lacuna significativa justamente em um momento de intensas disputas morais.

Este artigo, portanto, busca contribuir para a abertura desse caminho. Ao revisitar o Pentateuco como fundamento teológico e ético, pretende-se mostrar que a defesa da vida desde a concepção não é uma pauta importada ou secundária, mas uma exigência que decorre diretamente da revelação do caráter de Deus na Lei. Se a vida é dom do Criador e se a legislação dada a Israel foi estruturada para protegê-la, então o desenvolvimento de uma bioética reformada pró-vida não é opcional, mas necessário. A expectativa é que esse esboço estimule novas pesquisas, aprofundamentos exegéticos e uma atuação pública mais consciente da igreja diante dos desafios éticos do nosso tempo.

O Rev. Ramon de Sousa Oliveira, pastor presbiteriano, é o autor do livro *O Valor da Vida*, recém-lançado pelo Cultura Cristã

Eryl Davies

MALDADE
OCULTA

O abuso não é invisível a Deus,
nem pode ser à igreja.

SAIBA MAIS



Inclusão

A inclusão como expressão da santificação comunitária

Isaac Marra

A discussão sobre inclusão costuma ser associada a políticas públicas, movimentos sociais ou abordagens pedagógicas. Contudo, antes de qualquer dimensão institucional, a inclusão é — ou deveria ser — uma expressão madura da vida cristã. Na perspectiva reformada, que afirma a soberania absoluta de Deus, a dignidade da pessoa humana criada à imagem do Criador e a centralidade da comunidade da aliança, acolher pessoas e famílias atípicas não é um gesto opcional de benevolência, mas parte integrante da santificação comunitária.

1. Santificação: um chamado que a igreja vive em conjunto

Para João Calvino, a santificação não é uma jornada solitária, mas uma obra de Deus que se manifesta na vida compartilhada do povo da aliança. Em suas *Institutas*, ele lembra que Deus nos reúne “no seio da Igreja” para que “como crianças, sejamos conduzidos e guiados” no caminho da fé (IV.1.4). A transformação cristã acontece na vida comum, em que virtudes como paciência, mansidão, humildade e amor fraterno são testadas e moldadas.

Nessa perspectiva, a presença de irmãos e irmãs que apresentam traços neurodivergentes — autismo, TDAH, dislexia e outras condi-

ções — não deve ser vista como um obstáculo ao “bom funcionamento” da igreja, mas como parte da pedagogia divina que nos conduz à maturidade. Deus santifica seu povo por meio das diferenças que ele mesmo permite que existam entre seus filhos.

2. Diversidade como expressão da multiforme graça de Deus

O povo de Deus é composto por pessoas distintas, chamadas a formar um corpo uno (1Co 12.12-27). A diversidade não é um problema a ser resolvido, mas um dom a ser acolhido. Nessa metáfora, os membros “menos honrosos” não apenas merecem respeito, mas devem receber “maior honra” (1Co 12.23).

A neurodiversidade — conceito que descreve as diferentes formas de funcionamento cognitivo — pode, portanto, ser compreendida teologicamente como parte dessa diversidade que manifesta a multiforme graça de Deus (1Pe 4.10). Pessoas atípicas não são acidentes na vida comunitária; são instrumentos por meio dos quais Deus revela facetas de sua sabedoria e nos ensina a amar com profundidade.

3. Acolhimento como obediência ao mandamento do amor

Jesus sintetizou a lei e os profetas no mandamento do amor (Mt 22.36-40). Esse amor, conforme a ética cristã clássica, não é sentimental, mas concreto: requer ações, ajustes, paciência, renúncias e disposição para compreender o outro.

Incluir pessoas atípicas implica reconhecer suas necessidades reais — sensoriais, emocionais, comunicativas — e criar condições para que participem plenamente da vida da igreja.

Isso envolve desde simples adaptações no culto (previsibilidade litúrgica, espaços tranquilos, sinalizações claras) até atitudes de empatia e formação da comunidade para evitar julgamentos precipitados. Acolher é também instruir: orientar professores, diáconos, pais e líderes para compreender a diversidade como bênção

4. A maturidade espiritual que nasce do encontro com o diferente

A santificação comunitária acontece quando a igreja aprende a se parecer mais com Cristo — e Cristo jamais afastou aqueles considerados “difíceis” ou “imprevisíveis” pela sociedade de seu tempo. Ele tocou os que ninguém tocava, ouviu os que ninguém ouvia e acolheu aqueles cuja presença causava desconforto. O encontro com o diferente não ameaçava seu ministério; antes, revelava o coração do Pai.

Do mesmo modo, o relacionamento com pessoas e famílias atípicas conduz a igreja à maturidade. Deus utiliza essas convivências para arrancar de nós a impaciência, a rigidez, o julgamento apressado, a idolatria da ordem perfeita e o apego a padrões culturais que confundimos com espiritualidade.

A igreja que aprende a se adaptar para incluir cresce em compaixão;

a igreja que escuta antes de julgar cresce em sabedoria; a igreja que oferece descanso a famílias sobrecarregadas cresce em misericórdia. A presença de irmãos neurodivergentes é, portanto, instrumento de nossa santificação — um meio de graça que muitas vezes negligenciamos.

5. Incluir é refletir o caráter de Cristo

Ao acolher pessoas e famílias atípicas, a igreja não está “cedendo a demandas contemporâneas”, mas obedecendo ao evangelho. Não se trata de filantropia, mas de fidelidade. A inclusão cristã é fruto do Espírito (Gl 5.22-23), expressão da comunidade da aliança e testemunho vivo do Reino que vem.

Em um mundo marcado pelo individualismo, pela impaciência e pela pressa, uma igreja que abraça a diversidade sensorial, comportamental e cognitiva revela algo extraordinário: que Cristo está presente em seu meio, formando um povo que ama como ele amou.

Essa é a santificação comunitária — não apenas um conceito doutrinário, mas uma prática viva, que encontra no acolhimento do diferente uma oportunidade divina para refletir, ainda que imperfeitamente, o caráter daquele que nos chamou das trevas para sua maravilhosa luz.

Isaac Marra Nunes Marques é presbítero na IP do Encontro Vinho Novo, em Brasília, DF, é Secretário-Executivo do Presbitério Metropolitano de Brasília (PRMB).

PRISCILA MACEDO BRISOLLA

Um abraço em forma de palavras
para todas as mulheres que precisam
de graça, não de exigências.

Vulnerável



www.editoraculturalcristã.com.br

História da IPB

Em busca da história presbiteriana (7)

Nova York, Massachusetts, Connecticut, Nova Jersey

Alderí Souza de Matos

O último mês antes do retorno ao Brasil foi marcado por diversas viagens de interesse histórico. No dia 27.06.2025, seguindo para o Estado de Vermont, onde reside meu irmão Paulo, passamos por Albany, capital do Estado de Nova York e terra natal da Sra. Mary Ann Annesley, esposa do Rev. George W. Chamberlain e cofundadora do Mackenzie. Essa é uma das cidades mais antigas do país, fundada por holandeses no início do século 17. Visitamos o bonito templo da 1ª Igreja Presbiteriana, da qual foram membros o avô, o pai e várias tias de Mary Ann. Estive também na avenida Broadway, onde Lawson Annesley teve uma loja e galeria de arte.

No dia 30 de junho, retornando de Vermont, passamos pela cidadezinha de Northfield, no norte de Massachusetts, para visitar locais ligados ao grande evangelista Dwight L. Moody (1837-1899). Numa vasta propriedade situada na rua principal, vimos a casa em que ele

nasceu, no outro extremo a residência na qual passou o final da vida e no alto da colina os túmulos dele e da esposa. Grande parte da área é ocupada pelo Thomas Aquinas College, uma instituição católica. Em seguida nos dirigimos a Northampton, também no vale do rio Connecticut, cidade em que o Rev. Jonathan Edwards realizou a maior parte do seu ministério. Estivemos na Edwards Church (fundada em 1833), na 1ª Igreja Congregacional (hoje First Churches), na casa pastoral do Rev. Salomon Stoddard (avô de Edwards) e no local em que Edwards residiu com sua grande família. Finalmente, num dia de intenso calor, nos dirigimos ao antigo cemitério de Bridge Street, onde vi os túmulos de Solomon Stoddard, do missionário aos indígenas David Brainerd e da jovem Jerusha Edwards, filha do célebre pastor e teólogo, bem como um bonito memorial da família.

No dia seguinte, 01.07.2025, fizemos demorada visita ao *campus* da Universidade de Yale, a segunda mais antiga do país (1703), localizada na cidade de New Haven, Connecticut. Vimos a maravilhosa Biblioteca

Sterling, o Jonathan Edwards College, a belíssima torre Harkness e o velho *campus*, com o Connecticut Hall, de 1750, o mais antigo dos edifícios atuais. Seguindo viagem, passamos rapidamente pela Yale Divinity School (Escola de Teologia).

No dia 12.07, fomos pela segunda vez a Princeton, Nova Jersey. Fizemos um passeio mais completo pelo extenso *campus* do Seminário Presbiteriano, tirando fotos dos belos edifícios. Depois de visitar também o *campus* da Universidade, fundada pelos presbiterianos em 1746, fomos em busca de locais ligados ao Rev. Samuel S. Rizzo (1903-1985), pastor brasileiro que residiu por muitos anos nessa cidade. Indo ao Cemitério-Parque Trinity All Saints, pertencente a uma paróquia episcopal, encontrei os túmulos do Rev. Samuel, de sua esposa Celi-
na (1903-1995) e dos filhos Celi-
na ou “Lelita” (1928-2015) e Serge
(1933-2018). Também passamos pela antiga Rosedale Chapel, pastoreada pelo Rev. Rizzo, hoje Carter Road Bible Chapel.

A última viagem antes do retorno ao Brasil foi um sonho acalentado há bastante tempo: o desejo de

ter mais informações sobre a Sra. Chamberlain. No dia 09.07.2025, acompanhado pelo Rev. Diogo Inawashiro, fui à cidade de Bridgeton, no sul de Nova Jersey. Chegando à 1ª Igreja, fomos recebidos pelo Sr. Howard Thorn, que nos mostrou as instalações. A poucos metros de distância, vimos a casa em que residiu Mary Ann no final da vida. Em seguida, debaixo de um sol fortíssimo, Howard nos levou à Old Broad Street Church (1792) e seu grande cemitério, dos quais é administrador. Vimos o recinto do templo e o túmulo de Mary Ann e familiares. O anfitrião deu-me três valiosos livros sobre a história presbiteriana local. Por último, levou-nos à casa do idoso Sr. James Bergmann (Jim), maior pesquisador da vida e obra de George Agnew Chamberlain, filho do casal Chamberlain, sobre o qual possui vasto acervo de livros e documentos. Escreveu extensa biografia desse personagem (“Go As You Please”), ainda não publicada.

Depois de digitalizar alguns materiais (cartas de George, início da biografia), segui com o amigo Diogo para a cidade vizinha de Fairton, onde conheci o Rev. Chris O’Brien, muito extrovertido, bom de conversa e pescador apaixonado, que pastoreia a IP de Fairfield. Mostrou-nos o templo atual dessa igreja, organizada em 1680, a mais antiga da PCA e uma das primeiras do país. Em seguida, nos acompanhou até o imponente templo antigo (The Old Stone Church), construído em 1780 e utilizado até 1850. Esse santuário e seu cemitério ainda pertencem à PCUSA. Por último visitamos o templo da 2ª IP de Bridgeton, que foi frequentada pela Sra. Chamberlain. Foi um final adequado para essa rica permanência nos Estados Unidos.



Old Broad St. Church 1792



Memorial da família Edwards



Túmulo de Mary Ann e familiares

Seminários presbiterianos

Celebração no Seminário Simonton, RJ

Sérgio Kitagawwa

A primeira semana de atividades acadêmicas do Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton foi intensa, desafiadora e abençoada por Deus! Na segunda-feira, dia 2 de fevereiro, sob a condução do capelão, Rev. Adelino José, o ano letivo foi aberto com culto público, consagrando a Deus vidas e projetos. Também foi o primeiro dia do Seminário Internacional – Integração Fé & Aprendizagem, que se estendeu até a quarta-feira (4).



Diretor, capelão, coordenador de curso e o pregador do culto de abertura, rev. Kevin Mannoia, com os membros da CONAPE e ANEP

O evento foi organizado em parceria com a Comissão Nacional Presbiteriana de Educação (CONAPE) e a ANEP (Associação Nacional de Escolas Presbiterianas). Foi um momento dedicado ao diálogo acadêmico e teológico, estimulando o pensamento crítico e o aprofundamento do compromisso com uma educação cristã confessional, significativa e comprometida com a tradição reformada. Com público de seminaristas, tutores eclesiais e professores do Seminário e da educação básica, presbiterianos e de outras denominações, a programação incluiu palestras, painéis e workshops. Os ministrantes, Rev. Kevin Mannoia (EUA); Rev. Ademir Aguiar; Profª Márcia Régis (ANEP); Rev. Geomário Moreira Carneiro; Presb. Anderson Dias César; Rev. Jadilson de Oliveira Silva; Rev. Gildásio

Jesus Barbosa dos Reis (CONAPE) abordaram: *As bases da educação cristã sob perspectiva reformada; Os desafios atuais de integrar fé, conhecimento e prática pedagógica; O papel das instituições cristãs na formação acadêmica, moral e espiritual dos alunos; A educação como manifestação do senhorio de Cristo sobre todos os campos do conhecimento.*



Profª Simone Xavier (orientadora pedagógica), Rev. Ademir e Profª Márcia (ANEP), Presb. Anderson (CONAPE), Rev. Sérgio (Diretor), Rev. Geomário (CONAPE) e Rev. Kevin.

As atividades seguiram com a “Semana Acadêmica”, evento dedicado a apresentação das pesquisas dos alunos que estão no ano de conclusão. Nos dias 5 e 6, mesas temáticas trataram de temas como *Plantação e Revitalização de Igrejas, Sacramentos, Disciplina Eclesiástica, Liturgia e Problemas contemporâneos sob o referencial da Teologia Reformada*. Os professores avaliadores analisaram os projetos, arguiram os alunos e indicaram aperfeiçoamentos, fontes e referências a serem pesquisadas. Seminaristas, familiares e outros convidados marcaram presença, prestigiando os apresentadores.



Uma das mesas temáticas: público atento

No sábado, dia 7 de fevereiro, na IP do Rio de Janeiro, um momento histórico: em uma emocionante homenagem, teve lugar a colação de grau das turmas Diác. Daniel Marques de Souza (*in memoriam*) e Severina de Araújo Marques. Durante anos, o casal abençoou a comunidade acadêmica do Seminário cuidando de sua cantina. Na verdade, foi muito mais: com seu jeito acolhedor e temente a Deus, o casal foi instrumento do Senhor para apascentar alunos, professores e funcionários. A justa lembrança de seus nomes, por escolha dos formandos, prova que a Teologia aprendida na sala de aula se vive no cotidiano de uma existência a serviço de e por Jesus. A cerimônia foi presidida pelo Rev. Sérgio Tuguio Ladeira Kitagawa, diretor do STPS, e contou com a presença do presidente da JURET-Rio, Rev. Sandro Moreira de Matos e de representante da JET/IPB, o Presb. Paulo Mendes. Representando o Conselho da Igreja, o Seminário foi acolhido pelo Rev. Isaías Cavalcanti Silva, pastor auxiliar. Representaram as Forças de Integração o presidente da Confederação Nacional de Homens Presbiterianos (CNHP), o Presb. Luiz Augusto Gonzaga e a vice-presidente Sudeste 2, Adriana Maia Ferreira da Silva.

O STPS completa em outubro deste ano 40 anos de organização. Tendo como lema “sem devoção não há formação”, seguimos adiante, com os olhos no Mestre, buscando servi-lo servindo a Igreja.



Os novos bacharéis, a patronesse, e o corpo docente.

História de Fé

Coragem para crer e professar

A propósito do primeiro culto reformado realizado no Brasil

Durante décadas após o descobrimento, Portugal descuidou da defesa do litoral brasileiro, o que permitiu incursões francesas à costa. Foi nesse contexto que o vice-almirante Nicolas Durand de Villegaignon, apoiado pelo almirante Gaspard de Coligny e pelo rei Henrique II, partiu da França em julho de 1555 e chegou à baía da Guanabara em novembro, fundando a chamada França Antártica numa pequena ilha.

Com problemas de disciplina na colônia, Villegaignon escreveu a João Calvino e à igreja reformada de Genebra solicitando pastores e colonos protestantes. Calvino atendeu: escolheu os ministros Pierre Richier e Guillaume Chartier e organizou um grupo de catorze huguenotes, liderados por Filipe de Corguilleray (senhor Du Pont). Entre eles estava Jean de Léry (1534–1611), sapateiro e estudante de teologia, futuro cronista dos acontecimentos. O grupo chegou à Guanabara em 7 de março de 1557.

Logo após o desembarque, em uma quarta-feira, 10 de março de 1557, os huguenotes realizaram numa pequena sala da ilha o primeiro culto protestante da história do Brasil e do Novo Mundo. O pastor Richier orou, a congregação cantou o salmo 5 do Saltério Huguenote (hino 122 do *Novo Cântico*) e ele pregou com base no salmo 27.4. A primeira Ceia reformada em solo brasileiro foi celebrada algumas semanas depois, no domingo 21 de março de 1557.

A harmonia durou pouco. Villegaignon logo começou a questionar a doutrina reformada — especialmente a Ceia do Senhor



Criação da IA para ilustrar a chegada dos franceses ao Brasil

—, revertendo às convicções católicas, possivelmente pressionado pelo cardeal de Lorena. Em outubro de 1557, expulsou os huguenotes da ilha para o continente. Eles esperaram dois meses por um navio que os levasse de volta à França, convivendo com os indígenas — convívio que renderia a Léry o material para seu célebre livro.

Quando partiram, em janeiro de 1558, cinco reformados ficaram para trás: Pierre Bourdon, Jean du Bourdel, Matthieu Verneuill, André Lafon e Jacques Le Balleur. Villegaignon os prendeu e exigiu que respondessem por escrito a um questionário sobre pontos doutrinários. Sem

teólogos no grupo e dispondo apenas de uma Bíblia, confiaram a redação a Du Bourdel, o mais letrado. Escrita com tinta de pau-brasil, a resposta — assinada por todos — ficou conhecida como Confissão da Guanabara, documento com 17 artigos sobre a Trindade, os sacramentos, o livre-arbítrio e outros temas. É uma das mais antigas declarações da fé reformada. A Cultura Cristã a publicou em *A tragédia da Guanabara* (<https://www.editoraculturacrista.com.br/tragedia-da-guanabara-a>).

Em 9 de fevereiro de 1558, Du Bourdel, Verneuill e Bourdon foram estrangulados e lançados ao mar. Lafon abjurou e teve a

vida poupada. Le Balleur escapou, pregou em São Vicente, foi preso por ordem jesuíta, ficou encarcerado por oito anos na Bahia e acabou executado no Rio de Janeiro — ironicamente, no mesmo lugar onde havia pregado.

Jean de Léry retornou a Genebra, concluiu a teologia, foi ordenado pastor e registrou tudo no livro *Viagem à terra do Brasil* — obra que se tornou um dos relatos de viagem mais lidos nos séculos 16 a 18 e que preserva, entre outras raridades, as primeiras canções indígenas registradas por escrito.

Texto adaptado da Apresentação de Alderi Matos ao livro *A Tragédia da Guanabara*, Cultura Cristã

Mackenzie

CBO classifica Mackenzie como referência em catarata congênita

Entidade é uma das mais importantes da especialidade no país



HUEM é reconhecido pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia como Centro de Referência no tratamento de catarata congênita

O Hospital Universitário Evangélico Mackenzie (HUEM) foi considerado, oficialmente, um dos “Centros de Referência” do Brasil no tratamento de catarata congênita, condição ocular que afeta bebês e crianças, resultando em opacidade do cristalino (lente natural do olho) e comprometimento da visão desde o nascimento. A informação foi divulgada na última semana no *Conectar para Cuidar*, informativo do Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO), uma das entidades mais importantes da especialidade no país.

O chefe do Serviço de Oftalmologia do HUEM, Dr. Leon Grupenma-

cher, destacou que o reconhecimento do CBO ratifica o trabalho iniciado desde a aquisição do hospital pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie (IPM), período em que foram realizados investimentos tanto em pessoal quanto em estrutura e equipamentos de ponta. “Nosso ambulatório de oftalmologia e o centro cirúrgico hoje estão entre os melhores locais de tratamento para essas crianças. Além disso, contamos com um hospital completo, com UTI neonatal de retaguarda e uma pediatria de alto nível. O fato de sermos credenciados pela principal entidade de classe da oftalmologia nacional, o CBO, como um dos serviços de

referência no Brasil, só nos traz orgulho”, confessa o médico.

CATARATA CONGÊNITA

Muito conhecida por afetar pessoas da terceira idade, a catarata é a principal causa de cegueira reversível no mundo. A doença ocorre quando a lente do olho, chamada cristalino, torna-se opaca. No caso da catarata congênita, a condição também acomete crianças e recém-nascidos. Segundo estudos oftalmológicos, três em cada 10 mil bebês apresentam o problema, número considerado relativamente baixo pelos especialistas, mas que exige a mesma atenção, por se tratar de

uma urgência oftalmológica.

Assim como ocorre em adultos, quanto mais precoce for o diagnóstico e o tratamento da catarata em crianças, maiores são as chances de um bom desenvolvimento visual. A avaliação e o tratamento da catarata infantil são completamente diferentes dos procedimentos realizados em adultos. Em alguns casos, a catarata pode ser parcial e não necessitar de cirurgia. No entanto, se o eixo visual estiver comprometido, o tratamento cirúrgico deve ser realizado o mais cedo possível. A doença pode acometer um ou ambos os olhos.

Portal Mackenzie

MackStore história que transforma.
ESTILO QUE INSPIRA.

APROVEITE!



Forças de integração | SNPI

5º aniversário da Repapi Heróis da Fé em Recife, PE

Pinho Borges

Nas dependências da IP de Jardim São Paulo, em Recife, PE, no dia 18 de dezembro de 2025, foi realizado o Culto de Ação de Graças em comemoração do 5º aniversário da Repapi Heróis da Fé. O evento reuniu membros de diversas igrejas do Presbitério Centro de Pernambuco, lideranças eclesásticas e convidados especiais.

A celebração foi preparada para refletir o propósito da Repapi: valorizar, integrar e fortalecer a pessoa idosa na vida da igreja, reconhecendo sua importância na construção da história e na transmissão da fé às novas gerações.

A pregação ficou a cargo do Rev. Pinho Borges, Secretário Nacional da Pessoa Idosa da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e Presidente do Presbitério Centro de Pernambuco (PCPE). Em sua mensagem, fundamentada nas Escrituras, o reverendo desenvolveu o tema *Gratidão: o Natal e a Beleza de Envelhecer em Deus*. Destacou que o Natal é a maior expressão do amor divino pela humanidade, lembrando que Cristo veio ao mundo para trazer salvação, esperança e sentido à vida em todas as suas fases.

O pregador ressaltou que envelhecer é um privilégio concedido por Deus e assim deve ser enca-



rado. Enfatizou que a maturidade cristã se revela na capacidade de agradecer, mesmo diante das limitações naturais do tempo. A mensagem trouxe consolo, encorajamento e renovação espiritual aos participantes.

Os trabalhos foram coordenados por Nadir Machado e Eulir Tereza, da Repapi Heróis da Fé. A liturgia foi composta por leituras bíblicas, momentos de oração intercessória e cânticos congregacionais que envolveram toda a assembleia em adoração.

Participou o Coro da Federação de SAFs do PCPE, sob a regência de Glícia Fonseca. Os hinos escolhidos dialogavam com o tema da gratidão e do Natal, conduzindo os presentes a uma experiência de reflexão e celebração.

O encontro também marcou um momento de intercâmbio com a Repapi Caçote, fortale-

cendo os laços fraternos entre os grupos e ampliando a visão de unidade do trabalho com a pessoa idosa no âmbito presbiterial. A presença dos representantes das duas Repapis evidenciou que a missão é conjunta e que a comunhão entre as igrejas fortalece a caminhada e potencializa os frutos do ministério.

Estiveram presentes o Rev. Edvaldo Freitas, pastor da IP de Jardim São Paulo, que acolheu os participantes com hospitalidade cristã e encerrou o ofício eclesástico com uma oração de gratidão e consagração; as Secretárias Presbiteriais da Pessoa Idosa e das SAFs, Sra. Marluce Brito e Cleudenira Borges, respectivamente; e a Sra. Herundina Barros, presidente da Federação de SAFs do PCPE, cuja presença reafirmou o compromisso das organizações com o fortalecimento desse trabalho.

Ao longo da celebração, foram lembrados os desafios enfrentados durante esses cinco anos de existência da Repapi Heróis da Fé, bem como as inúmeras conquistas alcançadas. Testemunhos espontâneos ressaltaram o impacto espiritual, social e emocional que o grupo tem promovido na vida de seus participantes, oferecendo não apenas encontros regulares, mas também apoio, amizade, valorização e crescimento na fé.

Após o culto, os participantes foram convidados para um momento de confraternização. Cada participante recebeu um panetone como lembrança, gesto simples, mas carregado de significado e carinho.

A celebração foi encerrada em ambiente de comunhão, sorrisos e abraços, refletindo a essência do ministério: servir a Deus com fidelidade, honrar a trajetória da pessoa idosa e proclamar que é possível envelhecer com dignidade, propósito e esperança. O 5º aniversário da Repapi Heróis da Fé não foi apenas uma data comemorativa, mas um marco de reconhecimento pela graça sustentadora do Senhor ao longo de sua história, reafirmando o compromisso de continuar servindo com dedicação nos anos que virão.

O Rev. Pinho Borges é Secretário Nacional da Pessoa Idosa da IPB e Presidente do Presbitério Centro de Pernambuco (PCPE)

Uma obra de
LELAND RYKEN



Para ler e compreender
a Bíblia como literatura

ADQUIRA JÁ



Missões

IPMANAUS busca ampliar parceria missionária com a Junta de Missões Nacionais

A IP de Manaus (IPMANAUS), caminha para ampliar sua parceria missionária com a Junta de Missões Nacionais (JMN), da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), reforçando o compromisso histórico da denominação com a proclamação do evangelho e a plantação de igrejas. Esse avanço foi tratado em uma reunião recente, em São Paulo, entre o pastor efetivo da igreja, Rev. Francisco Chaves, e o secretário executivo da Junta, Rev. Obedes Ferreira da Cunha Júnior. Na ocasião, foram discutidos novos caminhos para fortalecer a presença missionária reformada na região amazônica.

O Rev. Francisco Chaves destacou a importância espiritual e estratégica da iniciativa: “A cooperação com a Junta de Missões

Nacionais tem fortalecido nossa visão missionária, e tudo o que estamos construindo tem um propósito claro: ampliar a presença da igreja, proclamar fielmente o evangelho e levar Cristo a pessoas e lugares que ainda precisam ouvir a sua Palavra”, ponderou.

O PROJETO

O projeto prevê a manutenção de missionários que já atuam no interior do Amazonas, incluindo a proposta de integrar mais seis obreiros. A expectativa é que, até o fim deste ano, cerca de dez missionários passem a receber apoio por meio dessa parceria, fortalecendo a presença reformada e a proclamação do evangelho em áreas estratégicas da região.

O secretário executivo da JMN ressaltou a abrangência nacional do trabalho missionário: “A Junta

atua em todo o Brasil, apoiando projetos de plantação de igrejas e propagação do evangelho. Temos trabalhado com dedicação para que a Amazônia seja plenamente alcançada por Cristo, fortalecendo comunidades e formando discípulos.”

PARCERIA ATUAL

Atualmente, a cooperação já apoia o campo missionário em Tabatinga, município estratégico no interior do Amazonas, localizado a cerca de 1.100 km da capital Manaus, no Amazonas. Na região, o trabalho evangelístico enfrenta desafios logísticos e culturais próprios da Amazônia. As ações missionárias também alcançam a Colômbia, permitindo que a igreja leve Cristo além das fronteiras do Brasil.

Release IPMANAUS



À esquerda está o Secretário Executivo da Junta, Rev. Obedes Ferreira da Cunha, e à direita, o Pastor Efetivo da IPMANAUS, Rev. Francisco Chaves

Vida devocional em família

O Deus da salvação



Leia o salmo 71

Quando enfrentamos problemas graves, sentimos que precisamos de Deus como nunca antes e, em tempos assim, é um grande conforto perceber

que ele está ali para nós, pronto para ouvir as nossas orações. Essa verdade nos livra de chegarmos ao ponto de desespero e desamparo. O que é mais encorajador é a certeza da contínua e imutável fidelidade de Deus em todas as épocas da vida. É um fato da vida que passamos da juventude para a velhice,

mas Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre (Hb 13.8). Ele ressuscitou dos mortos, vive para sempre para interceder por seu povo e é o precursor que foi adiante de seu povo para a glória eterna (Hb 6.19-20; 7.25). Empregue tempo louvando-o por sua presença em sua vida.

Encontre a *Bíblia de Estudo Herança Reformada* em www.editoraculturacrista.com.br

APECOM

Lançamento no Pocket IPB

Saulo Azevedo em episódio marcado por profundidade bíblica e reflexão sobre música na Igreja

Danielle Bezerra

O projeto Pocket IPB, iniciativa da Agência Presbiteriana de Evangelização e Comunicação (APECOM), lançou um novo episódio com o músico e presbítero Saulo Azevedo, membro da IP do Calhau, em São Luís (MA). O programa reúne música e conversa sobre a importância da produção musical comprometida com a Palavra de Deus e com a tradição reformada.

Neste episódio, Saulo apresenta canções baseadas nas cartas às sete igrejas do livro de Apocalipse. O trabalho, fruto de anos de reflexão, estudo bíblico e experiência pastoral, transforma o conteúdo das Escrituras em composições que preservam a profundidade teológica do texto sagrado.

PALAVRA CANTADA, IGREJA EDIFICADA

Durante a entrevista conduzida por Guilherme Iamarino, o artista compartilha o desafio de musicar textos bíblicos densos sem perder a fidelidade doutrinária. A conversa ressalta que a música na igreja não é mero elemento estético, mas parte integrante do culto cristão.

Segundo Saulo, a responsabilidade do músico cristão deve ser equivalente ao zelo dedicado ao púlpito. “O mesmo cuidado que temos com a pregação deve estar presente na composição musical”, afirma. A proposta é que a música sirva à edificação da Igreja, consolide a pregação da Palavra e fortaleça a vida devocional dos crentes.

MÚSICA E TRADIÇÃO REFORMADA

O episódio também destaca a herança histórica da música

na tradição reformada. Desde a Reforma Protestante, o canto congregacional foi instrumento de ensino, consolidação doutrinária e propagação do evangelho. O Pocket IPB reafirma o compromisso da denominação com uma produção musical que glorifique a Deus e sirva à Igreja.

Além das apresentações musicais, a entrevista aborda referências, influências e o papel formativo da igreja local na trajetória de músicos cristãos. Saulo enfatiza que a igreja é um celeiro de formação artística e espiritual, incentivando novas gerações a servirem com excelência e fidelidade bíblica.

UM ESPAÇO PARA A MÚSICA PRESBITERIANA

O Pocket IPB tem como objetivo dar visibilidade a artistas ligados às igrejas presbiterianas em todo o país, valorizando a



diversidade musical da denominação e promovendo conteúdo que una qualidade artística e compromisso teológico.

O novo episódio com Saulo Azevedo já está disponível no canal oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil no YouTube, @ipboficial.

Danielle Bezerra é jornalista da APECOM

Soberania de Deus

Benefícios de mantermos nossa visão

Nossa visão de servir a Deus inspira o trabalho e molda nossa perspectiva diante das dificuldades.

Um pregador conduziu uma semana de conferências em uma grande igreja. O pastor da congregação vivia dias difíceis: sua esposa estava prestes a dar à luz ao primeiro filho em uma gravidez complicada. Na última noite do evento, o pastor não apareceu para apresentar o pregador. Este se levantou sozinho, conduziu o culto, e o pastor chegou ao final do serviço, entrando em silêncio

pelo fundo do santuário.

Ao término do culto, o pastor pediu que fossem ao seu gabinete. Lá, sem rodeios, revelou: “Meu irmão, nosso filho tem Síndrome de Down. Ainda não contei à minha esposa e não sei o que dizer a ela”.

O pregador o conduziu ao quarto capítulo de Êxodo: “Quem faz a boca do homem, ou quem faz o mudo, o surdo, o que vê, o cego... não sou Eu, o Senhor?” E lembrou ainda a promessa de Romanos 8 — de que todas as coisas cooperam

para o bem dos que amam a Deus.

O pastor fechou a Bíblia e foi direto ao hospital. Ao entrar no quarto, sua esposa disse angustiada: “Não me deixam ver meu bebê. Há algo de errado?” Ele respondeu lembrando as palavras da Escritura: “O Senhor nos abençoou com um filho portador de Síndrome de Down”. A jovem mãe chorou muito. Depois, ao ligar para a própria mãe, disse: “Mamãe, o Senhor nos deu uma bênção. Não conhecemos ainda sua natureza, mas sabemos que é uma bênção”.

Sem histeria. Sem desfalecimento.

No domingo seguinte, sem que o pastor soubesse, setenta enfermeiras do hospital estavam na congregação. Ao fazer o convite de costume ao final do culto, trinta delas foram à frente para receber a Cristo.

Uma criança com Síndrome de Down — instrumento de Deus para levar trinta almas à vida eterna.

Adaptado de *O Pastor Eficaz*, de Peter White, Cultura Cristã

Teologia e vida

Chamados à glória: a jornada do peregrino cristão



Hermisten Costa

A vida cristã não termina na conversão; é nela que verdadeiramente começa. O perdão recebido em Cristo não é ponto de chegada, mas o início de uma jornada gloriosa de santificação. Esse perdão não nos torna passivos; ao contrário, nos impulsiona a viver em obediência e gratidão, revelando a justiça e a misericórdia de Deus.

A salvação é o nascimento de uma nova vida, que precisa ser nutrida pela Palavra e moldada pelo Espírito. Assim como uma criança nasce perfeita em suas partes, mas ainda precisa se desenvolver, também o cristão é chamado a amadurecer em fé e santidade. O novo nascimento não é produto acabado, mas o início de um processo de formação espiritual que nos conduz ao pleno propósito de Deus. Essa consciência nos protege contra

o mundanismo e nos lembra de que não temos morada fixa aqui, mas caminhamos rumo à herança eterna.

Esse crescimento exige raízes profundas. Árvores altas só permanecem firmes porque possuem raízes vigorosas; da mesmo modo, o cristão precisa estar solidamente enraizado em Cristo. Quanto mais avançamos em nossa vida social, cultural e espiritual, mais necessitamos de fundamentos sólidos na Palavra e na oração, para resistir às tentações sutis que nos cercam. Podemos crescer em altura, mas é indispensável crescer em profundidade – aprofundando nossas raízes na fé, para que a vida cristã seja estável, frutífera e perseverante.

A santificação é, portanto, um processo contínuo, uma luta diária contra o pecado, conforme nos ensina a Confissão de Fé de Westminster: a carne e o Espírito permanecem em conflito até que alcancemos a perfeição na glória. Essa luta diária contra o pecado nos lembra de que somos peregrinos e estrangeiros neste mundo. Nossa pátria não é a terra, mas o céu.

Devemos viver como forasteiros, sem nos conformar aos padrões do mundo, mas buscando refletir

a imagem de Cristo. A fé nos coloca no meio da sociedade, mas nos liberta da sua lógica e nos chama a adotar o “estilo arquitetural de Deus”, como disse Emil Brunner (*Romanos*, São Paulo: Fonte, 2007 [Rm 12.1-2], p. 169).

O combate da fé é árduo, mas é bom, porque nos conduz ao alvo supremo: sermos conformes à imagem de Cristo. É uma batalha que não travamos sozinhos, pois o Senhor nos fortalece e garante a vitória. A santidade não é apenas vencer pecados particulares, mas ser santo como Deus. Por isso, não há espaço para acomodação na vida cristã. O cristão é chamado a perseverar, mesmo em meio às lutas, sabendo que sua esperança está firmada na vitória de Cristo.

A Igreja, como corpo de Cristo, é chamada a viver hoje em santidade, preparando-se para o encontro jubiloso com o Senhor, que a apresentará gloriosa, sem mácula nem ruína. Nossa vocação é elevada: fomos chamados à glória do Filho amado. Essa é a meta que sustenta nossa caminhada, o destino que dá sentido à nossa peregrinação.

Em síntese, a vida cristã é uma jornada: começa no perdão, prossegue na santificação e culmina na glória. É um caminho de fé,

esperança e amor, no qual cada passo nos aproxima da estatura da plenitude de Cristo.

Por isso, não podemos nos contentar com uma fé superficial ou com uma espiritualidade meramente formal. O chamado de Deus é para uma vida íntegra, que reflita a beleza da santidade em cada esfera da existência. O cristão não vive para si mesmo, mas para o Senhor que o resgatou. Cada decisão, cada gesto e cada palavra devem ser moldados pela consciência de que pertencemos a Cristo e caminhamos rumo à eternidade.

Que cada um de nós, como peregrinos, caminhe com os olhos erguidos ao céu, sustentados pela promessa de que “quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é” (1Jo 3.2). Essa esperança nos sustenta, nos fortalece e nos consola. Que vivamos cada dia com fé, esperança e amor, certos de que nossa jornada, embora marcada por lutas, é conduzida pela mão fiel de Deus até o destino glorioso preparado para os seus filhos. Amém.

O Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa, pastor-auxiliar da 1ª IP São Bernardo do Campo, São Paulo, SP, é Coordenador de Curso e ensina teologia no JMC, é membro do CECEP e do Conselho Editorial do *Brasil Presbiteriano*

Educação cristã

Todos os dias da vida com Deus

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele (Pv 22.6).

João Victor da Silva

Fico a imaginar alguém que vive com Deus, todos os dias de sua vida. Pessoa forjada na fé, instruída na Palavra, desde os primeiros anos de vida. O ser humano que foi crescendo ouvindo sobre o Criador, aprendendo sobre ele e abraçando para si a dádiva recebida pelos seus ancestrais... uma instrução que pode ter sido iniciada através do pai, da mãe, do avô ou da avó, bem como, de uma outra pessoa da família e até mesmo de quem não é parente. A atitude de tais pessoas consolida o que diz esse versículo acima. Que bênção tremenda! Que maravilha, quão gloriosa missão estendida por sobre o horizonte cristão, nessa estrada rumo ao céu.

Escrevendo ao seu filho na fé, Timóteo, o apóstolo Paulo faz chegar até nós o despertar para a importância da fé transmitida de geração a geração em lares cristãos, onde parentes são feitos instrumentos de Deus para levar

a fé a outrem: “Pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua vó Loide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também, em ti” (2Tm 1.5).

Creio que, quem segue nessa estrada, terá fluxo prático e seguro, uma jornada mais consciente e uma chegada triunfantemente real. Alguns empecilhos servirão apenas de pontes, jamais implicarão muros intransponíveis, e as paradas serão breves, mas tão breves, que servirão tão somente para o reabastecimento do vigor e da fé.



Bem-aventurados pais e mães que trabalham para o desenvolvimento e crescimento do filho, levam-no ao amadurecimento de caráter e entendimento da sabedoria e justiça de Deus”.

Não terão facilidades os que querem induzir os filhos de Deus ao erro e pecado. Filhos ouvintes do ensino do pai e da mãe, instruídos na Palavra, não se permitirão seduzir por praticantes do mal. Em Provérbios 1.8 o Pai exorta e motiva o filho à obediência: “Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe. Porque serão diadema de graça para a tua cabeça e colares, para o teu pescoço”.

São, portanto, felizes os filhos instruídos na Palavra do Senhor, cujos olhos não serão embaçados para a vida espiritual. Esses são forjados na esperança, alicerçados na fé e caminhantes firmes na estrada da salvação.

Bem-aventurados pais e mães que trabalham para o desenvolvimento e crescimento do filho, levam-no ao amadurecimento de caráter e entendimento da sabedoria e justiça de Deus. Filhos assim, não se privam da excelência da sabedoria. “Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandamentos, para fazeres atento

à sabedoria o teu ouvido e para inclinares o coração ao entendimento, e, se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do Senhor e acharás o conhecimento de Deus. Porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento” (Pv 2.1-6).

Que escolha, que condição espiritual! Viver todos os dias da vida com Deus, por Deus e para Deus! É a maior herança, é a maior prosperidade de um ser humano. É uma riqueza incalculável que uma pessoa encontrou. Imagine alguém a iniciar desde criança a caminhada com o Altíssimo! A busca pelo maior tesouro e esse encontro!

Que todo ser humano, criança, jovem, adulto e idoso, sinta vontade e necessidade de viver todos os dias de sua vida com Cristo, para honra e glória de Deus!

João Victor da Silva é Escritor e Presbítero da 2ª IP de Sapé, PB

**CURRÍCULO
INFANTIL
CULTURA
CRISTÃ**

para a formação
do caráter de Cristo
na vida das crianças
é necessário semear
a palavra em seus corações



Vida cristã

Escrevendo na pedra e na areia

Lições sobre perdão e gratidão

Robinson Grangeiro

Amir e Farid eram amigos inseparáveis. Suas jornadas sempre foram marcadas por aventuras e momentos inesquecíveis. Certa vez, ao passarem por um rio de correnteza forte, Farid resolveu nadar. Porém, a força da água começou a arrastá-lo, colocando sua vida em risco. Amir, sem hesitar, lançou-se ao rio enfrentando a correnteza com grande esforço e conseguiu salvá-lo.

Para registrar aquele gesto de heroísmo e amizade, Farid gravou em uma rocha: “Aqui, com risco da sua própria vida, Amir salvou seu amigo Farid”.

Algum tempo depois, enquanto seguiam viagem, uma discussão os abalou. Amir, tomado pelo nervosismo, esbofeteou Farid. Este, sem dizer nada, pegou um graveto e

escreveu na areia à beira do rio:

“Aqui, por motivos fúteis, Amir esbofeteou seu amigo Farid.”

Intrigado com a diferença de atitude, Amir perguntou:

— Quando te salvei, você gravou minhas ações em uma pedra. Mas agora, quando te ofendi, escreveu na areia. Por quê?

Farid respondeu com sabedoria:

— Os atos de bondade e amor devem ser gravados na rocha, para que sejam lembrados e sirvam de exemplo para outros. Já as ofensas devem ser escritas na areia, para que desapareçam com o vento e não deixem marcas permanentes.

Essa história é mais que uma narrativa sobre amizade; é uma lição sobre como lidamos com os gestos de amor e os erros dos outros. O que temos registrado em nossa “rocha” e em nossa “areia”?

Muitas vezes, fazemos o contrário do que Farid ensinou. Guardamos

mágoas e ofensas como se fossem troféus, cravando-as em pedras emocionais que carregamos para cobrar os outros e alimentar ressentimentos. E, paradoxalmente, somos rápidos em esquecer os gestos de bondade e amor que recebemos, deixando-os se apagarem como palavras na areia.

Deus nos mostra um caminho diferente.

“Jesus disse: Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo” (Lc 23,34).

O Senhor tomou nossos pecados e os escreveu, não em uma pedra nem na areia, mas em uma cruz, usando cravos que marcaram o sacrifício de Jesus Cristo. E fez isso para que fôssemos eternamente perdoados, libertos da dívida que jamais poderíamos pagar.

Assim como Farid escolheu gravar na pedra os atos de bondade e na areia as ofensas, devemos nos

perguntar: o que estamos registrando na vida? Em casa, no trabalho, entre amigos, estamos guardando o bem ou alimentando o mal?

A cruz nos ensina que o perdão é mais poderoso do que qualquer mágoa, que o amor é mais duradouro do que qualquer erro. Que possamos aprender com Amir e Farid a gravar as bondades na rocha e deixar que o vento apague as ofensas da areia.

Meu desejo é que você, em todas as suas relações, pratique a gratidão pelas bênçãos que recebe e escreva na areia aquilo que deve ser perdoado. Afinal, não fomos chamados para carregar pedras de ressentimento, mas para viver à sombra da cruz, onde o perdão foi esculpido com amor eterno.

Rev. Robinson Grangeiro Monteiro é o Chanceler do Mackenzie e pastor titular da IP de Tambaú, em João Pessoa, PB

Caminhada cristã

Família de Jesus



Zuleika Schiavinato

Gratidão é um culto a Deus. Assim nos instrui a Palavra: “Louvai ao Senhor, porque é bom e amável cantar lou-

vores ao nosso Deus; fica-lhe bem o cântico de louvor” (Sl 147.1). Sim, toda boa dádiva vem do Senhor. É justo e necessário tributar-lhe louvores, com corações agradecidos. É ele quem derrama sobre nós bênçãos sem medida. Não é preciso que aconteça nada de extraordinário para que sejamos gratos a Deus. Inspire fortemente neste instante. Você pôde fazer isso? Agradeça ao Senhor e deixe que seu coração seja inundado por gratidão! É ele quem nos dá o fôlego da vida! É verdade, porém, que alguns momentos são

“Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios” (Sl 103.2).

tão plenos de bênçãos do Senhor que em nosso coração há verdadeiras erupções de gratidão!

Tivemos alguns dias de férias juntos com nossos filhos e netos. Estávamos na praia. O tempo não estava ideal. Choveu e fez frio, mas fomos aquecidos pelo amor de Deus expresso em beijos, abraços, gargalhadas, chorinhos pedindo colo, bolos preparados com múltiplas mãos e aviãozinho de papel e espada entre os utensílios do preparo. Houve plenitude de paz no meio da agitação própria de um lugar

com três meninos saudáveis e felizes. Gratidão por sermos família. Deus nos fez família na terra, mas, sobretudo, nos fez sua família e a ele nosso coração tributa o mais grato louvor!

Pai, recebe a nossa sincera gratidão. Provamos que o Senhor é bom e que a sua misericórdia dura para sempre! Que tudo que há em nós, bendiga ao teu santo Nome. Amém.

Maria Zuleika Schiavinato, esposa, mãe, avó e autora, é membro da IP de Pinheiros, em São Paulo, SP, e colaboradora do Brasil Presbiteriano

Forças de Integração | SNAP

Secretaria Nacional de Apoio Pastoral intensifica ações em diversas regiões do país

Edson Fernandes

Ao longo de 2025, a Secretaria Nacional de Apoio Pastoral desenvolveu uma série de atividades em diferentes regiões do Brasil, promovendo encontros, palestras e momentos de cuidado pastoral voltados a pastores, esposas e igrejas locais. As ações, conduzidas pelo Rev. Edson Fernandes, Secretário Nacional, contaram também com a participação da psicóloga Elisabeth Fernandes, em eventos direcionados a esposas de pastores.

Volta Redonda, RJ



Nos dias 23 e 24 de agosto, o Rev. Edson Fernandes pregou nos cultos comemorativos pelos 66 anos da Segunda IP de Volta Redonda, RJ.

Durante a visita, também houve encontros com pastores do Presbitério Sul Fluminense para conversas e aconselhamentos pastorais.

O Rev. Márcio Leandro Figueiredo da Cunha, presidente do Sínodo Sul Fluminense e pastor da 2ª IP de Volta Redonda, foi o idealizador e anfitrião das programações.

Presbitério Circuito das Águas



No dia 6 de setembro, o Secretário Nacional pregou no culto de abertura da reunião extraordinária do Presbitério Circuito das Águas, realizada na Congregação Presbiteriana de Vista Boa, em Itamonte, MG.

Sínodo Florianópolis



Nos dias 26 e 27 de setembro, no Hotel Lagoa, em Laguna, SC, ocorreu um encontro de comunhão e inspiração para pastores e esposas do Sínodo Florianópolis.

O evento foi promovido e conduzido pelo Rev. Ari Corrêa, Secretário Sinodal de Apoio Pastoral. Foram preletores o Rev. Roberto Brasileiro, Presidente do Supremo Concílio; o Rev. Edson Fernandes; e a psicóloga Elisabeth Fernandes.

Os casais participaram juntos de parte da programação, havendo também momentos específicos: os pastores estiveram reunidos com o Rev. Edson e as esposas com a psicóloga Elisabeth. Durante os momentos de interação e testemunhos, participantes relataram o impacto positivo do encontro nas áreas conjugal, emocional e ministerial.

Seminário Presbiteriano do Sul - Campinas, SP

Entre os dias 25 e 29 de agosto, foi realizada a Semana Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, SP, com o tema geral “Cuidando do coração do pastor”.

No dia 27, o Rev. Edson Fernandes falou sobre o subtema “Cuidando do ministério”, respondendo também a perguntas dos participantes. Na mesma data, a psicóloga Elisabeth Fernandes falou às esposas de pastores e seminaristas.

À noite, ocorreu a celebração pelos 137 anos do Seminário Presbiteriano do Sul, ocasião em que o Rev. Edson foi o pregador do culto em ação de graças.



Cotia, SP



Nos dias 15 e 16 de novembro, a IP Filadélfia, em Cotia, SP, sob a liderança do Rev. Marcilene Oliveira e do Conselho, realizou programação especial voltada às igrejas e pastores da região.

O Rev. Edson Fernandes e a psicóloga Elisabeth Fernandes foram convidados para as mensagens. No sábado, realizou-se um encontro para casais, reunindo cerca de 40 casais — entre pastores e líderes — em momentos de comunhão, edificação e lazer.

No domingo, o Rev. Edson pregou nos cultos matutino e vespertino da igreja anfitriã.

Sínodo Campinas



No dia 6 de dezembro, no Hotel Nacional Inn Campinas Trevo, foi realizado um encontro de comunhão e inspiração para pastores e esposas do Sínodo Campinas.

A programação foi promovida pelo Rev. Noidy Barbosa de Souza, Secretário Sinodal de Apoio Pastoral. O Rev. Edson Fernandes e a psicóloga Elisabeth Fernandes atuaram como preletores.

O encontro teve início com café da manhã, seguido de palestras conjuntas. Posteriormente, houve momentos específicos para pastores e esposas. O encerramento ocorreu com nova mensagem ao grupo reunido e almoço no hotel, promovendo comunhão e interação entre os participantes.

As atividades desenvolvidas ao longo do ano evidenciam o compromisso da Secretaria Nacional de Apoio Pastoral com o cuidado espiritual, emocional e ministerial dos pastores e suas famílias, fortalecendo a liderança da IPB em diferentes regiões do país.

IA

Desinteligência Artificial

A igreja nas armadilhas da era digital

Marcelo Martinello

Vivemos em um tempo no qual a Inteligência Artificial (IA) permeia e processa informações em nossa sociedade de forma semelhante à mente humana. Especialistas afirmam que ela é a tecnologia mais importante de nossa geração e revolucionará todas as indústrias. Como a Igreja deve se posicionar diante dessa realidade?

Embora a IA possa gerar valor e ser usada para a glória de Deus, a teologia reformada nos lembra da realidade da depravação humana. A tecnologia é projetada por homens caídos e aprende com uma humanidade manchada pelo pecado. Um exemplo clássico foi o chatbot Tay da Microsoft, que se tornou racista e misógino em poucas horas ao aprender com o comportamento dos usuários nas redes sociais. Surge assim o que chamamos de “Desinteligência Artificial”: o grande perigo de a tecnologia nos desinformar, nos manipular e nos tornar menos sábios para lidar com a vida real.

Para combatermos isso, a



Palavra de Deus nos alerta contra quatro armadilhas digitais:

1. Deixar a IA pensar por nós: Terceirizar nosso discernimento crítico é um erro. Em 1 Tessalonicenses 5.21-22, Paulo orienta: “Julgai todas as coisas, retende o que é bom”. O parâmetro bíblico para definir “o que é bom” é verificar se aquilo glorifica a Deus e edifica o próximo. A nossa mente não deve estar cativa ao algoritmo virtual, mas deve ser mantida cativa única e exclusivamente à Palavra de Deus.

2. Ouvir o assistente errado: É um perigo fazer da IA o nosso principal assistente pessoal e conselheiro, negligenciando o Senhor. A máquina apenas pro-

cessa linguagem, mas ela não se importa com você. Deus, porém, o ama profundamente e provou isso se entregando na cruz em seu lugar. Textos como Jeremias 33.2-3 e João 10.27 nos convidam a clamar e ouvir a voz de Deus para obtermos discernimento e evitarmos a distorção da realidade.

3. Ver apenas o que a IA nos mostra: Paul Tripp nos alerta que, anestesiados pelas telas, perdemos a capacidade de nos maravilhar com as obras da criação. O salmo 19 declara que os céus proclamam esplendidamente a glória de Deus. A IA não cria do zero, apenas imita. Contentar-se de forma vidrada com o mundo digital é abraçar um universo fake, desprovido da glória e beleza verdadeiras que apontam de modo vertical para o nosso Criador.

4. Aplicar a sabedoria errada: A “desinteligência” ocorre quando a tecnologia se torna a base do nosso crescimento. Costumamos confundir processamento de dados com verdadeira sabedoria. Tiago 1.5 instrui que a sabedoria genuína deve ser pedida a Deus.

Além disso, Provérbios 3.5-7 e 1 Coríntios 3.18-21 exortam a não dependermos do nosso próprio entendimento, afirmando que a sabedoria deste mundo é mera loucura diante de Deus.

CONCLUSÃO

Corremos o risco de colocar uma confiança excessiva e cega nas inovações humanas, negligenciando a prática de pensar, ouvir, ver e aplicar a vida sob a perspectiva soberana do Reino de Deus. A tecnologia é falível e dependente de humanos caídos; as Escrituras, porém, são a verdade inabalável e eterna.

No excesso de informações, consulte sempre a Fonte suprema. Pergunte a si mesmo hoje: “Quem é o Rei do meu coração?”. Não deixe que as armadilhas digitais ocupem esse trono sagrado. Que o Senhor Jesus seja eternamente a sua canção, o seu esconderijo e o seu refúgio seguro, pois ele é genuinamente bom e jamais nos deixará.

O Rev. Marcelo Martinello é pastor na IP de Vila Mariana, bacharel em Tecnologia da Informação pela Universidade Cruzeiro do Sul, pós-graduado em Mediação Pedagógica pela PUC-RJ e em Tecnologias da Informação aplicadas ao Ensino pela UFRJ.



NOVAS REVISTAS PARA ESCOLA DOMINICAL

ADQUIRA JÁ



Evangelização de crianças

Um abençoado ministério

Solano Portela

As crianças tiveram uma abordagem bem diferenciada por Jesus, quando eles as acolheu, mesmo contra a irritação dos discípulos, que queriam enxotá-las. Ele ficou indignado (Mc 10.14) e os confrontou. Então, chamando as crianças para junto de si (Lc 18.16), disse: “*Deixem os pequeninos e não os impeçam de vir a mim, porque dos tais é o Reino dos Céus*” (Mt 19.14).

Somente esse apreço da parte de Jesus deveria nos levar a examinar nossa atitude e ações para com as crianças. Por vezes, somos mais porta-vozes de ditados como: “crianças devem ser vistas e não ouvidas”, ou não dedicamos a elas o tempo e a atenção devida para nutri-las nos caminhos do Senhor. Mas se realmente cremos na Palavra de Deus, no pecado original, saberemos que mesmo as crianças precisam de quem as acolha e as instrua tanto nos caminhos corretos da vida, como na percepção de que são pecadoras e precisam da salvação em Cristo.

Deveríamos também cumprir (ou observar) as promessas feitas por ocasião do batismo. As crianças são acolhidas como filhas e filhos do pacto divino (a promessa também é para elas) e têm o privilégio de crescer em um lar cristão, ou no qual, pelo menos, um dos pais é cristão. Assim, nutridas em amor e cuidado genuíno recebem a evangelização e trabalha-se o coração para que seja sensível à Escritura.

A responsabilidade primordial na evangelização de crianças é dos pais. É verdade que, em algumas igrejas, existe uma “cerimô-

nia relâmpago” de batismo, em que as perguntas e promessas mais detalhadas são bem diferentes da forma tradicional. Existem mais de uma forma tradicional, mas uma das mais comuns é esta, e ela contém compromissos bem solenes:

1. Vocês prometem que se o Senhor Deus for servido conservar a vida deste vosso filho, até a idade da razão, haverão de instruí-lo na crença seguida pelo povo de Deus, como vem ensinada na Sagrada Escritura?

2. Vocês prometem ensiná-lo a ler para que venha a ler por si mesmo a Santa Escritura; orar por ele e com ele; servir-lhe vocês mesmos de bons exemplos de piedade e religião, e se esforçarem por todos os meios designados por Deus, para criá-lo na disciplina e correção do Senhor?

3. Vocês prometem ler com ele a Bíblia e trazê-lo à igreja com assiduidade, ensiná-lo desde a

mais tenra idade a respeitar o culto divino e participar dele?

A segunda responsabilidade pela evangelização das crianças é da igreja – da comunhão dos santos. Em algumas igrejas a congregação é instada a levantar uma das mãos, representando a aceitação dessa responsabilidade, prometendo: “*ser fiel ao seu chamado, como membros da igreja de Cristo, de tal forma que essa criança e que todas as crianças em seu meio possam crescer no conhecimento e amor de Cristo*”.

A criança não é um homenzinho, ou uma juvenzinha – possui um modo próprio de pensar, abraça o imaginário. Não deve ser forçada a decorar conceitos teológicos, dos quais não terá entendimento. Milagres não encontram resistência no aprendizado; histórias de personagens bíblicos despertam interesse e são facilmente memorizadas, bem como as lições extraídas

dessas histórias; a pessoa de Jesus é compreensível, a partir dos relatos de sua infância.

E a evangelização de crianças fora da igreja? Isso faz parte de nossas obrigações como embaixadores de Deus. Além dos eventuais contatos pessoais, na vizinhança, ou quando Deus abre oportunidades mais específicas de proclamar a Cristo, as crianças são excelentes visitantes ao ambiente do lar de uma família crente – que deve exalar o bom perfume de Cristo, mas especialmente à igreja, à escola dominical. É verdade que muitos pais descrentes não querem que suas crianças sejam “influenciadas” pelo cristianismo, mas nós sempre nos surpreendemos como outros que acham até uma ocasião bem-vinda de deixar os filhos com os coleguinhas, filhos de uma família de amigos.

Essa foi a nossa experiência, em Manaus, quando cooperamos em uma pequena congregação presbiteriana. Os pais da redondeza achavam ótimo ter uns momentos de “descanso” das crianças. Na igreja, as recebíamos e o número só aumentava. Preparávamos as lições, ministrávamos a Palavra de Deus, dávamos um lanche e elas retornavam para suas casas. Dava um trabalho enorme, mas era uma grande alegria ver depois pais se achegando à igreja trazidas pelas crianças! A exemplo da mulher samaritana, que foi evangelizada e passou a evangelizar, muitos daqueles pequeninos, foram instrumentos na conversão dos pais.

Que não negligenciemos esse abençoado ministério em nossa vida e em nossas igrejas.

Na responsabilidade da Igreja os oficiais têm um papel todo especial

Uma denominação presbiteriana da Austrália tem estas colocações, em um folheto destinado aos oficiais da igreja:

“É parte do dever do oficial certificar-se de que todos os filhos dos membros da sua igreja, são trazidos ao batismo. O Conselho também tem o dever de se certificar de que um programa sadio de educação cristã é estabelecido para os membros, geralmente na forma de uma escola dominical e cursos bíblicos. Essa não é uma atividade periférica e o Conselho deve cuidar para que os melhores recursos financeiros e de pessoas estejam disponibilizados para essa obra.”

“É parte das obrigações de visitas às famílias, lembrar os pais, se necessário, de suas obrigações assumidas nos votos de batismo, certificando-se de que seus filhos frequentem com regularidade a escola dominical. Esse é um ponto importante, no qual falhamos em nossa educação cristã, pois muitas crianças têm frequência irregular e outras nunca são levadas à escola dominical, especialmente, quando os pais são descuidados com sua própria vida espiritual.”

Meditações

Napoleão sem filtro



Frans Leonard Schalkwijk

Após ser derrotado, Napoleão Bonaparte foi banido para a ilha de Santa Helena (1815), onde faleceu seis anos depois, provavelmente por intoxicação lenta não intencional. É que na casa

onde ele morava havia papel de parede com tinta à base de arsênico. O ex-imperador, que gostava de banhos longos, sem saber respirava o veneno, levando-o à morte aos 52 anos de idade.

Deus ama a beleza. Como melhor pintor e exímio perfumador, Ele fez tudo bonito e de cheiro agradável. Mas o pecado caiu no unguento, estragando-o como uma mosca morta faria com o perfume mais fino (Ec 10.1). Pela sua graça, Deus refreou o estrago completo. A História conhece tempos de ar mais puro, mas outros de neblinas tóxicas, que podem afetar qualquer área da vida. Em metrópoles chinesas a poluição pode ser tão grande que seus

“A mosca morta faz o unguento do perfumador exalar mau cheiro [...]” (Ec 10.1).

habitantes usam máscaras para cobrir a boca e nariz. Não é de estranhar que o Chanceler Bismarck considerasse as cidades como úlceras da sociedade. Às vezes, a neblina é malcheirosa, outras vezes a poluição é quase imperceptível, mas sempre danosa para a saúde. Durante a II Guerra Mundial, a ameaça real do uso de gases tóxicos levou meu pai a comprar máscaras contra gás para toda a família. Elas eram muito feias e apertadas, mas eram filtros funcionais.

Infelizmente muitas vezes nem percebemos como o ar atual é poluído espiritualmente. Como precisamos de uma máscara contra gás para não ficar,

pouco a pouco, envenenados com as tendências relativistas e amorais da nossa época! Usemos o filtro da Palavra de Deus (e também, se for necessário, um filtro na *internet*, que pode ser o mais moderno esgoto aberto), para nos proteger contra “toda sorte de impureza” (Ef 4.19). De início esse ar moderno não parece cheirar tão ruim, mas ele pode derrubar até um Napoleão, se não usar o seu filtro.

Quem pensa estar em pé, veja que não caia (1Co 10.12).

De *Meditações de um Peregrino*, de Frans Leonard Schalkwijk, Cultura Cristã, 2014



Boa leitura

Maldade Oculta

Eryl Davies
2026 | R\$ 68,50

Em *Maldade Oculta*, o Dr. Eryl Davies lança luz sobre uma das realidades mais dolorosas e silenciosas do nosso tempo: o abuso doméstico no contexto das famílias cristãs. Lançamento da Editora Cultura Cristã, o livro enfrenta com coragem um tema frequentemente ignorado ou tratado de maneira inadequada nas igrejas, expondo como interpretações distorcidas das Escrituras e a falta de preparo pastoral podem agravar o sofrimento de vítimas já fragilizadas.

Com sensibilidade e firmeza, o autor apresenta situações reais (preservando identidades) e dá voz aos que foram feridos por abusos físicos, psicológicos, financeiros, sexuais e espirituais. Ao mesmo tempo, aponta falhas na liderança e na condução pastoral, conclamando a igreja a reconhecer sua responsabilidade na proteção dos vulneráveis.

À luz da Palavra de Deus, Davies oferece respostas bíblicas sólidas e orientações práticas para pastores, conselheiros e membros da igreja. O livro reafirma que o evangelho da graça não compactua com a opressão, mas chama o povo de Deus a agir com justiça, misericórdia e verdade.

Maldade Oculta é leitura necessária para aqueles que desejam ser instrumentos de cuidado e restauração. Mais do que denunciar o problema, a obra convoca a igreja de Cristo a ser um ambiente seguro, onde sobreviventes sejam ouvidos, acolhidos e amparados pelo amor redentor do Senhor.



Fé, comunhão e cuidado

Robert W. Kelleman
2026 | R\$ 170,00

Um caminho sólido e profundamente eclesial para a formação de conselheiros bíblicos, isto é o que Robert W. Kelleman apresenta em *Fé, Comunhão e Cuidado*.

O livro parte da convicção de que aprendemos a aconselhar com a verdade da Palavra não apenas por meio de teoria, mas no contexto vivo da comunhão cristã, oferecendo e recebendo cuidado no corpo de Cristo.

A obra se estrutura em quatro pontos cardiais do aconselhamento bíblico: Amparo (“É normal sentir dor”), Cura (“É possível ter esperança”), Reconciliação (“É terrível pecar, mas é maravilhoso ser perdoado”) e Direção (“É sobrenatural amadurecer”). Esses eixos formam a base para o desenvolvimento de vinte e uma competências relacionais, capacitando líderes e membros da igreja a cuidar de pessoas com graça, verdade e maturidade espiritual.

Mais do que um tratado conceitual, o livro funciona como manual prático de treinamento, adequado para laboratórios ministeriais e pequenos grupos. Trata-se de um verdadeiro mapa curricular para a igreja local, oferecendo ferramentas concretas para equipar o povo de Deus a ministrar transformação por meio do evangelho.

Segundo volume da série *Equipando Conselheiros Bíblicos*, que inclui também *Aconselhamento segundo o Evangelho* (veja aqui), *Fé, Comunhão e Cuidado* reafirma que o aconselhamento bíblico é ministério da igreja, realizado em comunidade, para que vidas sejam restauradas pela verdade imutável de Cristo.





filmes e séries

O Brasil Presbiteriano não necessariamente endossa as mensagens dos filmes e séries aqui apresentados, mas os sugere para discussão e avaliação à luz da Escritura.

Correndo atrás do Coelho: temor dos homens e a desordem do coração em *Alice no País das Maravilhas*

Gabriela Cesário

cônica. É assim que defino aquela cena em que Alice vê o Coelho Branco apressado e aflito, repetindo: “Estou atrasado! Estou atrasado!”. Seja na animação original, seja na adaptação de 2010, é dessa inquietação que toda a narrativa da obra homônima de Lewis Carroll se desenrola. Alice não entra no País das Maravilhas por convicção, propósito ou missão; ela entra porque decide correr atrás da ansiedade de outro.

Antes de aprofundar essa reflexão, quero registrar algo pessoal: quando mais nova, eu nunca entendia muito bem a história de Alice. Tudo me soava estranho. Apesar de ser extremamente lúdica e visualmente encantadora, eu não conseguia me identificar com o que via. Havia algo desconexo, quase desconfortável.

Só recentemente compreendi o motivo. O enredo, os personagens e até mesmo o cenário são, na verdade, a personificação de temas profundamente presentes e, ousado dizer, dolorosamente comuns, na vida adulta.

O Coelho, por exemplo, não é apenas um personagem excêntrico. Ele encarna a pressa constante, a urgência sufocante e a desordem interior. Vive ansioso. É governado por tempo, pelo medo de falhar e pelo receio de desagradar uma autoridade maior — no caso da história, a Rainha.

É precisamente nesse ponto que a narrativa deixa de ser apenas fantasia e passa a dialogar com uma realidade profundamente humana: o temor dos homens. Um temor que, muitas vezes invisível na infância, torna-se cada vez mais perceptível e dominante na vida adulta. Escancarando os ídolos do nosso coração.

Sob uma cosmovisão reformada, entendemos que o coração humano é o centro das motivações, desejos e medos (Pv 4.23). O problema fundamental do homem não é externo, mas interno: trata-se de um coração desordenado pelo pecado, que teme aquilo que não deveria temer e ama aquilo que não deveria amar.

O Coelho Branco vive escravizado pelo medo. Ele não teme a Deus; teme a Rainha. Não é guiado pela verdade, mas pela pressão. Sua identidade é moldada pelo desempenho e pelos prazos. Ele representa a alma governada por expectativas externas. A Escritura é clara: “O temor do homem arma laços” (Pv 29.25). O Coelho vive preso nesses laços.

Mas, afinal, onde Alice entra nisso?

Ao seguir o Coelho, ela é arrastada para um mundo onde tudo é instável: tamanhos mudam, regras se alteram, a lógica se dissolve. O ambiente caótico simboliza o resultado de uma vida orientada por referenciais deslocados. Quando o coração não está ancorado em Deus, a realidade se torna confusa.

Mais uma vez, percebemos como

uma obra considerada “infantil” reflète a mente moderna: nada é fixo, nada é plenamente seguro, nada é absoluto. É a arte imitando a vida.

Para mim, é isso que torna *Alice no País das Maravilhas* muito mais do que uma fantasia literária. A história se torna um retrato da nossa condição caída. Ao rejeitar o Criador, perdemos nossa referência última e passamos a viver em distorção. Mergulhamos em um estado de desorientação e afobação, como o Coelho, em sua eterna corrida contra o tempo, revelando um coração ansioso e temeroso.

Mas o grande conflito do coração humano não é entre coragem e medo, mas entre dois temores: o temor dos homens e o temor de Deus.

O Coelho teme a Rainha. Alice teme o desconhecido. Os demais personagens temem perder posição. Mas nenhum deles demonstra temor reverente diante de uma autoridade justa e santa.

O temor de Deus não é paralisante; é libertador. Quando Deus ocupa o lugar central, os demais temores perdem seu poder. Quem teme ao Senhor não vive escravizado pela aprovação humana. Bem diferente das idolatrias ocultas que a ansiedade que marca nossa geração frequentemente revela: aprovação, produtividade, controle, imagem.

Lewis Carroll talvez não pretendesse escrever uma alegoria espiritual, mas sua obra permite um diálogo profundo com o homem

contemporâneo. O País das Maravilhas é um mundo em que a verdade é fluida, a identidade é instável, a autoridade é tirânica e o tempo é opressor. Não soa familiar?

A narrativa expõe, ainda que involuntariamente, a desorientação de uma humanidade que perdeu sua referência.

Talvez a pergunta central não seja por que o Coelho corre, mas por que Alice o segue. Quantas vezes nossa própria ansiedade nasce por corrermos atrás das urgências do mundo? Quantas vezes mergulhamos em realidades caóticas porque adotamos como nossos os medos alheios?

A resposta bíblica não é negar a existência do tempo, das responsabilidades ou das pressões. É reorganizar o coração. O evangelho nos chama a algo radicalmente diferente do Coelho Branco: “Buscai primeiro o Reino de Deus” (Mt 6.33).

Afinal, quando o Reino é prioridade, o relógio perde seu poder. Quando Deus ocupa o centro, a ansiedade perde seu domínio. Quando o temor é redirecionado ao Senhor, o temor dos homens perde seus laços.

Talvez maturidade espiritual seja, em parte, aprender a não correr atrás do Coelho; mas descansar naquele que governa o tempo, o coração e a História.

Gabriela Cesário é produtora e editora de texto do *Brasil Presbiteriano* e Coordenadora de Marketing da Cultura Cristã

